Revista da Semana

ANNO XXIX -- N. 24

2 de Junho de 1928

Visitem a linda exposição no PARC ROYAL

ESTA REVISTA CONTEM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1928 | NUMERO 24

NESSA clara e fresca manhã de maio do anno da graça de 2.065 deu-me, não sei por que, uma grande saudade do meu velho amigo Raphael Verdurier que ha muitos annos se insulara dos amigos, na sua deliciosa vivenda do planalto central. Eu o sabia como sempre immerso nos estudos biologicos em que se tornara summidade de universal conceito e renome. E era por um vulgar phenomeno de associação de idéas que me vinha, ao espirito, com a evocação da sua imagem, a de outra gentil figura, que é a menina Helena, filha unica daquelle grande sabio.

Por isso, essa manhã, ao sentir no corpo e na alma a branda caricia desta maravilhosa luz tropical, e ao lembrar os velhos amigos Verdurier, não foi sem uma suave sensação de alegria que me occorreu a idéa de visital-os na sua vivenda das immediações da capital da Republica. E logo, passando do sonho á realidade, comecei a vestir-me com uma dessas tunicas á prova de microbios que constituem a maior conquista sanitaria deste seculo. Metti-me num banho de vapor humido, destinado a eliminar os germens da pelle e a accelerar a circulação sanguinea. E, terminadas as abluções hygienicas, com a sensação de bem-estar que caracterisa a vida limpa e rythmada dos homens modernos (inimigos da bebida, do amor, da ociosidade e de outros vicios contra a saude), tomei um taxi aereo que rumou para Goyaz docemente, suavemente, como um grande passaro de azas de aço e sangue de oleo de naphta...

Os raios do sol matinal punham reflexos de fogo nas cúpulas de crystal das cidades sobre que voavamos. As florestas, cuidadas pela mão humana como os jardins, apresentavam um extenso toldo de verdura sobre que a vista descia, regalada e tranquilla. Viamos, da altura em que voavamos, os campos agricolas symetricamente dispostos, pontilhados de brancas e graciosas habitações dos trabalhadores ruraes, cujo conforto é superior ao de qualquer burguez apatacado do seculo XX, de escura memoria. Ao chegarmos ao planalto central um maravilhoso espectaculo se offereceu aos meus olhos que ha muitos annos não o contemplavam. A capital da Republica, com os seus palacios de 50 e 60 andares, com os seus parques immensos cheios de arvores colossaes, com os seus quadrilateros impeccaveis e o seu porto aereo considerado o maior das Americas, offerecia, á hora em que chegámos, um aspecto deslumbrador. Ainda tonto de luz e de belleza, desci do taxi aereo *á terrasse* da casa Verdurier, majestoso palacio de seis andares, dotado de todos os recursos do conforto deste seculo.

Annunciado automaticamente ao pisar a *terrasse*, dentro de alguns minutos achei-me em presença do velho biologista patricio. Recebeu-me com o carinho que sempre lhe mereci, mas notei que havia qualquer nuvem de tristeza a ensombrear-lhe a face. Indaguei da saude de Helena. Respondeu-me com um sorriso desbotado que logo me deu o fio do enygma. *Não estava passando bem, a Helenita.* Entristeceu-me a nova. Seria alguma doença, reminiscencia daquelles tempos incultos em que havia doenças no mundo? Fazia tantos annos que não se registava, na terra, uma infecção! Só se morria de velhice e, assim mesmo, em prazo onde cabiam duas vidas de outrora. O velho comprehendeu que me associava á sua tristeza. Levou-me para o seu gabinete de estudos, cheio de livros, de ossos, de preparações histologicas. E, fazendo-me sentar perto de sua poltrona, disse-me:

— V. tem o direito de tomar parte nas tristezas desta casa. Sempre foi nosso amigo e nunca pude esquecer que se creou junto da minha Helenita, embora algo mais edoso do que ella. Ha de comprehender a razão do meu desespero. Eduquei-a, como sabe, de accordo com as idéas avançadas deste seculo. Habituei-a a considerar os homens como simples irmãos, cujo valor na perpetuação das especies se reduziu de muito com a descoberta da reproducção artificial da vida. Dei-lhe os livros de historia natural que ensinam a rir de muitos sentimentos que ou eram resultantes de velhos preconceitos ou de enfermidades organicas que a medicina dos seculos passados não sabia curar. Todas as noções praticas e robustas que presidem á educação moderna, diz-me a consciencia que as forneci á minha filha. Nada de romantismos ancestraes nem de poetizamentos dos actos vulgares da biologia. Queria que fosse forte e indifferente como as mulheres todas deste seculo, que são valores moraes em tudo identicos aos homens. Acontece, porém, que um facto lamentavel veio despertar na alma de minha filha cellulas romanticas que pertenceram, decerto, á sua bisavó ou trisavó. E' o phenomeno dos *chromozonios* que Mendel já estudara no seculo XX: as cellulas ancestraes acordaram com os defeitos e as taras transmittidas de geração em geração. Neste seculo, ter os sentimentos do anno de 1900, por exemplo, é estar condemnado á morte: nenhum homem comprehenderá o estado d'alma da pobre moça que a sentisse. E a minha filha ha de morrer com a saudade incuravel daquillo que foi a alma dos seculos: o fatidico amor...

E o velho deixou roçar pelo seu peito robusto a barba, longa e alva, que lhe ornava a face. Apiedei-me daquella dôr. E disse-lhe, insinuando um consolo:

— Mas donde lhe veiu a reviviscencia do romantismo amoroso? Não houve uma causa externa que despertasse as cellulas, os *chromozonios* de Mendel?

— Houve. Estudando uns velhos alfarrabios da minha bibliotheca, encontrou entre elles um livro de versos cuja composição remonta ao seculo XIX. Eis a origem da desgraça.

— Já experimentou os meios physiotherapicos? Já no seculo passado, um banho morno era capaz de aliviar uma paixão violenta...

— Experimentei tudo, meu caro. Hydrotherapia, electrotherapia, banhos de luz, raios X, fumigações, massagens no thorax. Tudo em vão! Temo que a pobrezinha enlouqueça. Quer vel-a?

Accedi com um gesto. Atravessámos varios corredores. Uma sala, toda branca como a das antigas casas de saude. Deitada em um leito claro, que recebia a luz do sol através dos vidros do tecto, estava uma figura de mulher — tão doce e formosa que parecia uma visão do outro mundo. O pai tomou-lhe das mãos e disse o meu nome. Ella apenas levantou os olhos e sorriu com um sorriso tão triste que senti infinita pêna daquella alma. Dir-se-ia que nos seus labios brincava uma estrophe de amor do seculo XIX. E voltou a cahir na somnolencia que era o peior symptoma da sua fraqueza.

Verdurier sahiu do quarto de sua filha com os olhos cheios de lagrimas. E eu parti com uma grande tristeza na alma, sentindo que o sol era menos bello e o ar menos brando e menos macio.

....

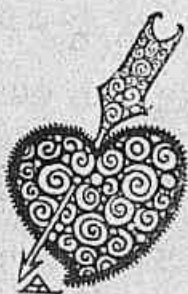
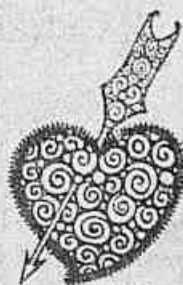
Esta noite, no grande baile da senhora Alba Esteves, ministra da Justiça, uma scena revoltante me aguardava. O "Radio Jornal" da noite fizera interromper as dansas (em que rapazes e moças brincavam como se todos fossem crianças, sem sombra de *flirt*) para annunciar a morte da menina Helena Verdurier, *"victima de uma crise de romantismo retrospectivo consequente á leitura de uma producção literaria do seculo XIX. O presidente da Republica mandava que se erguesse um monumento em memoria da "ultima victima do amor". O enterro seria feito a expensas do Estado, com pompa excepcional."*

Sahí decidido a radiotelephonar para o velho Verdurier. Ao deixar o salão, uma linda moça de 21 annos (a travessa Margarida Portella) apanhou-me uma aba da tunica e indagou emquanto mordia um coração de chocolate e baunilha:

— Que cousa é essa de amor, heim?

Fiquei aturdido, com a inesperada pergunta. E gaguejei, a custo:

— O amor? Ah! sim, o amor... E' um mosquito que existe á beira de certos rios na Africa...

Ella fez uma careta, e voltou á sala, onde se começava a dansar, de novo, ao som da orchestra Polyphonic, que estava tocando em Londres...

O CURANDEIRO

conto de ANDRÉ-MYCHO

A LOCALIDADE de Panateire, no Var, tinha apenas um medico, o dr. Celestino Bouniol. Um excellente homem e um verdadeiro sabio.

Era amigo intimo do dr. Bouniol o agente de seguros local, Casimiro Rességuin. Tendo frequentado juntos o lyceu, foram tambem companheiros em Paris e, de volta á terra, não mais passaram, por assim dizer, um dia sem se ver.

Por um serão de inverno rigoroso, estavam os dois amigos junto á lareira, em casa de Rességuin, fallando enternecidamente dos bellos tempos da mocidade, quando de repente Bouniol interrompeu o que ia dizendo, rebolou os olhos e cahiu para trás na poltrona, desmaiado.

— Que tens, Bouniol, perguntou Rességuin, afflicto — Assustas-me! Bouniol! Responde, com mil pipas!

Mas o medico nem se mexia...

Rességuin, alarmadissimo, sacudia-o, olhando ao mesmo tempo em volta, á procura de qualquer soccorro.

— Pobre Bouniol! E' capaz de esticar a canella!... E nem sequer posso chamar um medico: é elle o unico cá na terra!

Cada vez mais aterrado, o agente de seguros ora apertava as mãos na cabeça, ora levantava os braços ao céo... Por fim, veio-lhe a ideia de auscultar Bouniol: o coração batia, embora fracamente...

— Graças a Deus! Vive ainda!

Essa verificação mais ou menos lhe restituiu a calma. Reflectiu ainda um momento... E foi buscar a um armario um frasco de ether.

Não poupou o precioso liquido. Deitou-o no nariz, na testa e nas temporas do medico desmaiado. E fez mais: solicito e rapido, tirou-lhe o casaco e o collete, arrancou-lhe a camisa; e com o que restava de ether friccionou o peito do paciente.

Logo depois, Bouniol soltava um grande suspiro e abria os olhos...

— Ah, meu querido Bouniol! exclamou o agente de seguros. — Estás salvo, salvo!

E, com os olhos cheios de lagrimas jubilosas, abraçou o medico fraternalmente.

Bouniol certificou-se rapidamente de que havia tido uma embolia mas, graças aos cuidados intelligentes do amigo, estava fóra de perigo. Fez algumas inspirações, largamente, estudando o funccionamento dos organs interessados. Pulmões, coração tudo ia bem. Possuido então do maior reconhecimento, estendeu os braços para o amigo:

— Rességuin, deixa-me abraçar-te! Salvaste-me a vida!

— Não imaginas a minha alegria, Bouniol! Mas tens que me desculpar, heim? Rasguei-te a camisa...

— Não faz mal! respondeu o doutor, magnanimo — Se tenho só um amigo, camisas tenho muitas!

E partiu para casa, não sem ter abraçado uma vez mais o seu salvador.

Bouniol deu prova da mais louvavel gratidão e da boa fé mais completa, contando a quem o queria ouvir o seu grave accidente e a maneira maravilhosa como Rességuin lhe acudira e o salvara.

O accidente, a cura espantosa e o attestado publico do dr. Bouniol tiveram as consequencias mais imprevistas — e mais naturaes.

No dia seguinte, recebia o agente de seguros a visita de David Pesquiéres, empreiteiro de pinturas e vidraçaria, que lhe queria fallar com toda a urgencia.

— Que é isso, amigo? perguntou Rességuin ao recem-chegado, que quasi não podia respirar — Por que veio correndo dessa maneira? — O empreiteiro, que soffria de violentas colicas attribuidas á alvaiade das tintas, parecia um esqueleto ambulante... — E, de mais a mais, doente como você anda...

— Bem sei... respondeu o empreiteiro, fallando a custo. — Mas é justamente por causa da minha saude que aqui venho!

Rességuin arregalou os olhos, estupefacto:

— Da sua saude?

— Quero dizer que só você me poderá salvar

— Mas que brincadeira é essa? Por que não vae ter com o dr. Bouniol?

— Esse, estou eu cansado de o consultar! E não obtive ainda melhora nenhuma. Agora, você... Você que curou o proprio doutor, muito mais facilmente me curará, a mim.

Rességuin não acreditava no que ouvia.

— Mas você engana-se redondamente. Eu não entendo nada de medicina. E, ainda que entendesse, bem vê, não ia tirar os clientes ao meu amigo Bouniol.

— Casimiro! retrucou Pesquiéres, piscando o olho. — Deixe-se de espertezas commigo. O

Tres irmãs — Da esquerda para a direita: senhorinhas Antonieta, Caçula e Stella Lisbôa, filhas do finado commendador M. M. Lisbôa (Patrocinio do Muriahé — Minas).

que você receia é que o denunciem por exercicio illegal da medicina... Mas pode imaginar que eu ia metter na cadeia o homem de quem espero a salvação? Escute... Dou-lhe quinhentos francos se tratar de mim e cinco mil se me curar!

A estas palavras, não soube o agente de seguros que responder. A cobiça da quantia promettida, o temor da justiça, a sua affeição por Bouniol! — tudo isso lhe fazia na cabeça a mais desesperadora confusão.

— Volte para casa, Pesquiéres. Preciso de reflectir. E lá irei levar a resposta.

No dia seguinte, não foi uma visita que o agente de seguros recebeu, mas dez ou doze. Todos os enfermos da localidade mais ou menos transportaveis foram a sua casa, sob os mais diversos pretextos. E os que não podiam sahir da cama mandavam pedir ao curandeiro, pelo amor de Deus, que os fosse ver.

— Basta pensar um momento... dizia aquella pobre gente. — Curar um doente como qualquer de nós já não é nada facil... Agora curar um medico... Caramba, é preciso saber muito!

A todos os visitantes Rességuin, cada vez mais atarantado, dava respostas evasivas. Apezar da sua amizade por Bouniol, não podia deixar de pensar cobiçosamente na dinheirama que se lhe offerecia, na facilidade de ficar rico... E diga-se a verdade: Rességuin vacillava.

Nisto, porém, chegou aos ouvidos do dr. Bouniol — numa terra pequena como Panateire tudo se espalha num abrir e fechar de olhos — que muitos dos seus doentes tinham já ido consultar o curandeiro.

A tal revelação, Bouniol ficou aterrado. Como assim? Seria possivel que o seu melhor amigo lhe quizesse tirar o pão?

E correu a casa de Rességuin.

— Então, Casimiro? gritou elle, logo da entrada, rubro de indignação. — E' verdade o que me dizem? Que me estás tirando a clientela?

— Socega, Celestino... redarguiu o amigo. — Acalma-te. Não te tirei coisa nenhuma. Mas, francamente, sabe Deus o que me tem custado!

Sabedor das magnificas offertas feitas pelos doentes ao agente de seguros, o astuto facultativo arranjou logo um meio de conciliar as coisas a contento de ambas as partes.

— Pois bem, Casimiro, acceita! Serás tu que doravante tratarás todos esses idiotas. Como eu conheço as doenças de todos elles, fornecer-te-hei os medicamentos necessarios. Explora-os o mais que poderes. E dividimos em partes eguaes o que se ganhar, valeu?

— Assim elles fizeram. E o mais curioso é que os mesmos remedios que o medico receitava, e não produziam o menor effeito, passaram a curar a maior parte dos doentes receitados pelo charlatão!

André Mycho.

Senhorinhas Ercy Prado, Jenny Langsch e Mimosa Queiroz gentis defensoras da S. C. Esmeralda. (S. Luiz de Missões — Rio Grande do Sul).

Cartazes Eleitoraes

A proposito dos cartazes eleitoraes afixados o mez passado em todas as communas de França, recorda o Excelsior *varios exemplos dessa pratica dos candidatos, quer na antiguidade quer nos nossos dias.*

Em Roma, eram os manifestos dos candidatos pintados nas paredes ou em logares para tal fim previamente caiados. Um delles promettia um estabelecimento de thermas como hoje se promette uma estrada ou uma agencia postal.

"Vota hoje em mim — dizia outro — que amanhã votarei em ti".

Nas vesperaes dos Estados Geraes de 1789, as paredes de Paris encheram-se de cartazes que um pregoeiro lia continuamente para sciencia dos analphabetos.

E', porém, de 1868 que propriamente data o costume dos cartazes eleitoraes. Nesse anno, no bairro de Belleville, mandou o candidato Gobert, boticario, afixar cartazes lançando a sua candidatura, e nos quaes dizia:

"Filho desta cidade de Paris e tendo curado mais de seis mil pessoas de ictericia, escorbuto, sarna e outras perigosas molestias da pelle, estou agora disposto a consagrar todo o meu tempo aos negocios publicos".

Cumpre acrescentar que esse benemerito boticario perdeu a eleição.

O primeiro candidato feminino foi a professora Jeanne Dervin que se apresentou em 1848.

Vinte annos depois, inaugurou o advogado Boutet os cartazes com o retrato do candidato.

A nota do Excelsior *termina citando o caso dum candidato que, em 1881, promettia fazer plantar arvores fructiferas á margem das estradas, para regalia dos pobres.*

PENSAMENTOS

Não se deve nunca desesperar: não está abandonado senão aquelle que se abandonou a si mesmo.

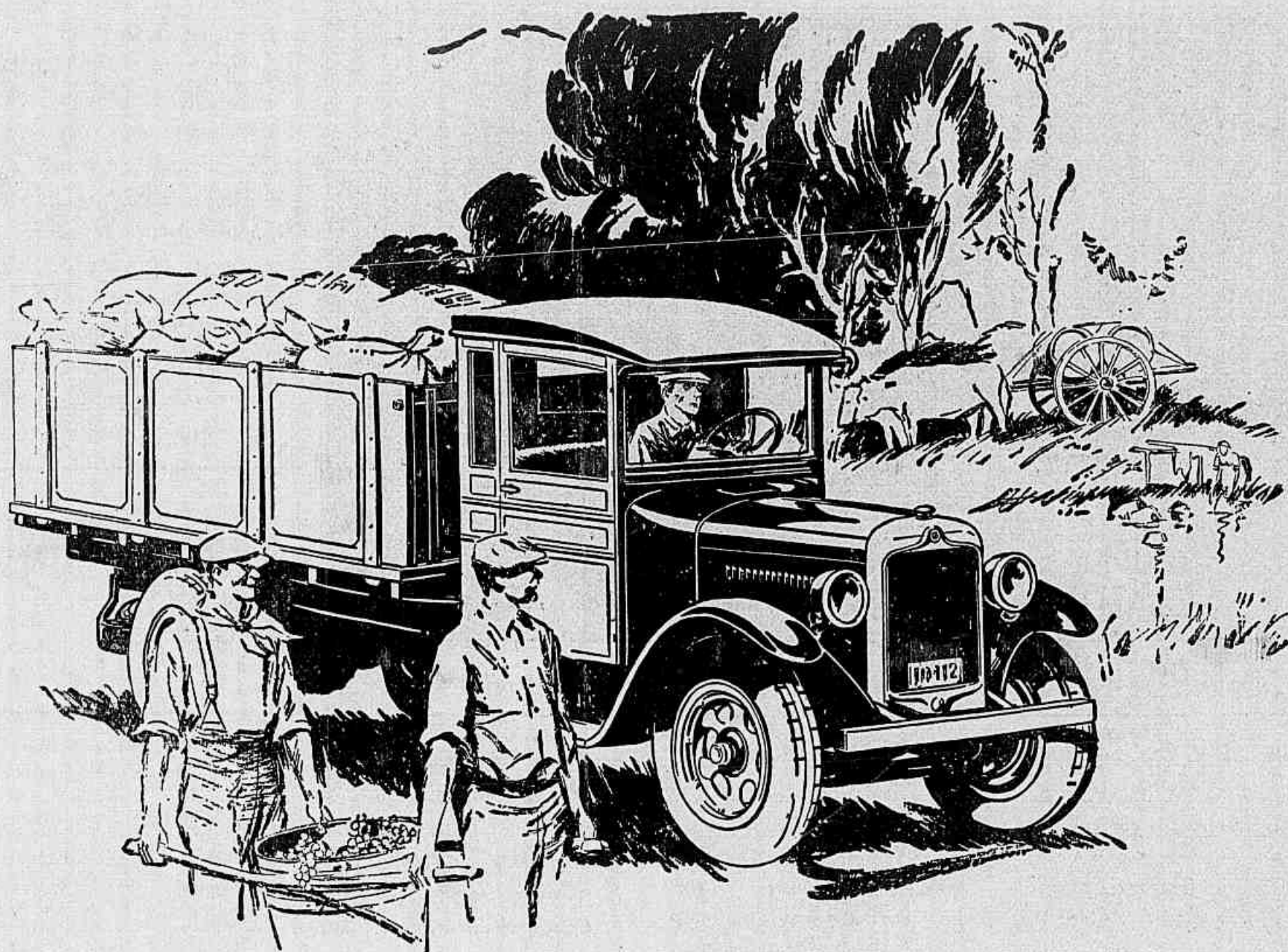
*

A musica é a lingua da alma; exprime sentimentos inaccessiveis á palavra e ao pincel.

*

Assim como o passaro, quanto mais alto se eleva a alma mais satisfeita fica.

*

Pensa na morte todas as manhãs, quando vês de novo a luz e todas as noites ao reentrar nas trevas.

SERVIÇO

Sempre e em toda a parte

Os compradores de toda a parte sabem que os Caminhões e Auto-Omnibus Graham Brothers raras vezes necessitam de peças de substituição ou serviço, embora ambos se encontrem sempre á disposição.

A extraordinaria utilidade dos mesmos jamais necessita de investigação ou interrupção durante suas longas existencias.

Veja o caminhão de 6 cylindros, de duas toneladas, com freios nas quatro rodas (Lockheed Hydraulicos) e transmissão de 4 velocidades —o mais recente de uma grande serie de portadores de lucros.

W. S. Evill
Treze de Maio 64-C
RIO DE JANEIRO

Antunes dos Santos & Cia.
SÃO PAULO

Danrée Y Cia.
Rua dos Andradas 335
PORTO ALEGRE

CAMINHÕES E AUTO-OMNIBUS
GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA SECÇÃO DE CAMINHÕES DE **DODGE BROTHERS, INC.,**
VENDIDOS PELOS AGENTES DODGE BROTHERS NO MUNDO INTEIRO

Grupo de pessôas que tomaram parte no banquete offerecido ao sr. Theodoro Martins da Rocha Junior, que se vê assignalado.

A UTILIDADE DAS CONDECORAÇÕES

Parece que a Allemanha começa a arrepender-se de ter supprimido as condecorações. Outros paizes que nós conhecemos sentiram o mesmo arrependimento.

No primeiro momento, todos os allemães approvaram com enthusiasmo a extincção daquelles penduricalhos. Com o tempo, porém, chegou-se á conclusão de que elles tinham a sua real utilidade.

A sra. Lang, deputada populista, fez notar no Parlamento como a Allemanha, quando altas personagens estrangeiras a visitam, é obrigada a offerecer-lhes objectos dispendiosos. Ainda recentemente, os numerosos dignatarios que cercavam o Rei do Afghanistan, foram presenteados com cigarreiras de ouro. Ora, esses mimos são carissimos, ao passo que com algumas fitinhas ou rosetas se teria feito a festa, com maior alegria decerto dos contemplados.

E o ministro do Interior, respondendo á oradora, deu a entender que talvez as condecorações allemãs fossem muito breve restabelecidas — pelo menos em favor de personagens estrangeiras.

O HOMEM DO SOL

Falleceu o mez passado na Inglaterra, com 76 annos de edade, um homem que, todos os dias, desde que as condições atmosphericas lh'o permittissem, photographava o sol.

Era o sr. Maunder, superintendente da secção solar do Observatorio de Greenwich. Durante quarenta e seis annos elle photographou o Rei do systema planetario. Chamavam-lhe, por isso, o "homem do sol". Agora, eil-o entrado na noite eterna — noite mais luminosa talvez que os nossos dias.

PENSAMENTOS

A felicidade aproxima-nos e une-nos; mas nada liga mais estreitamente dois corações do que uma lagrima.

CARMEN SYLVIA

*

As verdades que a gente gosta menos de ouvir são aquellas que se devia ter mais interesse em saber.

*

Commumente só se odeia aquelles que se não póde desprezar.

Elegancia Masculina

Nova York, Maio de 1928

Itinerantes

Viajár constitue um dos maiores prazeres que um homem pode ter, desde que tenha um temperamento andejo, um temperamento curioso de ver povos e terras novas. Viajar é tambem uma das fórmas mais agradaveis de passar as ferias, especialmente quando se viaja pelo proprio paiz. As viagens, apezar da despreoccupação, da immobilidade, da incerteza e do aspecto provisorio de todas as suas circumstancias, crearam um typo de modas masculinas que toda a gente conhece, tão fortes e singelas são as suas caracteristicas.

Nesta nota, convem dizer alguma coisa a respeito dos bonnets de viagem. Faceis, simples, commodos, os bonnets de viagem

são coisa a que rapidamente se afeiçôa o itinerante. E' proverbial até representar-se o viajante com o seu classico bonnet. Os ultimos modelos que se vêem em exposição nesta cidade são feitos de lã espessa, em padrões escossezes, interessantes, representando o aspecto novo combinado admiravelmente com a tradição que tem havido na confecção dos bonnets.

Gravatas

Não se perde tempo dizendo sempre alguma coisa a respeito de gravatas. Constantemente se vêem em exhibição nas melhores casas desse artigo masculino desta cidade, magnificas collecções de gravatas revelando as ultimas tendencias das modas da actual estação.

Não tem havido, nestes ultimos tempos, um principio, uma regra, uma norma que domine a questão das modas de gravatas. Existem mil e um modelos differentes, verdadeiramente admiraveis, representando apenas o que pode haver de mais disparatado, divergente, desconnexo, desigual nos dominios da creação dos ultimos modelos.

O que se pode dizer, de um modo geral, é que renasceu a tendencia para os arabescos, para os desenhos orientaes e finalmente para os desenhos futuristas, verdadeiramente allunciantes. Ha mil e um

aspectos novos e differentes que só uma observação attenta é que pode discernir.

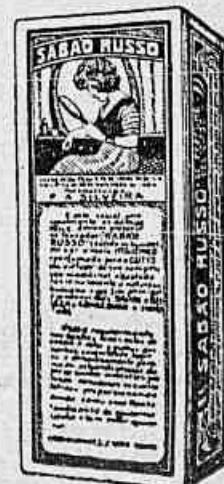
Colletes brancos

De vez em quando recebo cartas de leitores perguntando-me alguma coisa a respeito da maneira de usar colletes brancos e colletes de phantasias. Pelo tom porque me escrevem, tenho a impressão de que são marinheiros que deram sobre escolhos donde não sabem safar-se...

O que tem concorrido para essa difficuldade, pelo que tenho observado, é a maneira por que se combinam colletes brancos, bem engommados, ou colletes de phantasia de tons curiosos, com certos tons de fazenda que constituem os paletós.

O collete branco e o collete de phantasia não ficam, — desde logo — combinados bem com certos ternos confeccionados de casemiras claras, de tons fugidios, que são commumente usadas para o trabalho e para de manhã, passeios, datas sportivas, etc.

Os colletes brancos e á phantasia devem ser unicamente combinados com paletós escuros, azues, cinzentos, pretos e de outros tons. Assim é que se conseguem fazer realçal-os, mercê do fundo sempre mais negro sobre que ficam esses colletes.

John Sullivan.

ão Paulo — O enlace matrimonial da gentil senhorinha Odila Sucupira Kenworthy com o dr. Elias Coelho Rodrigues: a noiva, que se vê rodeada de suas *demoiselles d'honneur*, é filha da viuva George Kenworthy.

ESPIRITO DE FAMILIA

O Spectator reproduz um epitaphio encontrado num cemiterio de Cornouailles. E' redigido em verso e póde ser assim traduzido:

"Aqui jaz o corpo de Jeanne Carthew, nascida em Saint-Mewan, morta em Sainte-Ewe. Tinha cinco filhos; tres morreram e dois estão vivos. Os tres primeiros preferiram estar mortos com sua mãe a continuar vivos com seu pae".

Não foi naturalmente o pae que redigiu o epitaphio...

SEGREDO DE CONFISSÃO

A litteratura divulgou a historia do criminoso que, surprehendido em flagrante por um padre, tomou o partido de se ir confessar ao mesmo padre, para que este, preso ao segredo de confissão, o não pudesse denunciar.

Ha, porém, um caso veridico, bem mais curioso. E' o caso dum ladrão ir confessar o seu delicto a um padre, que delle não tinha noticia nem fazia a menor idéa. Succedeu isso o mez passado, em França, e teve o seu desfecho num commissariado dos suburbios parisienses. Um sacerdote entregou ao commissario um annel que lhe fôra confiado por um devoto, após a confissão de haver furtado aquella joia em Cannes.

O dono do annel entrou logo depois na sua posse — e devia ter ficado bem contente, pois que a joia vale mais de duzentos mil francos. E quanto ao ladrão... ficou incognito.

SUPERSTIÇÃO MARITIMA

O Almirantado Britannico tinha resolvido, ha dois mezes, dar o nome Python *a um dos submarinos que iam sahir dos estaleiros. De repente annunciou que o novo barco se chamaria* Pandora.

Essa mudança foi, dizem os jornaes, motivada pelo grande numero de cartas dirigidas ao Almirantado, fazendo notar que todos os navios baptisados com nomes de serpente tiveram má sorte. Assim a Marinha Ingleza perdeu, ha alguns annos, dois destroyers chamados Cobra *e* Viper. *E esses e outros precedentes sem duvida inspiraram grande desconfiança á equipagem do* Python... *Dahi a mudança.*

Agora todos podem ter um lar attrahente e confortavel!

V. Excia. já pode tornar o seu lar tão attrahente e confortavel quanto o permitte a civilização moderna. E isto sem um sensivel dispendio de dinheiro, pois os famosos Tapetes Artisticos Congoleum *Sello de Ouro*—indispensaveis em todo o lar moderno—estão ao alcance de todas as bolsas.

Para provar a superioridade destes inegualaveis tapetes basta mencionar que, no paiz onde mais tapetes se usam—nos Estados Unidos da America—ha muito maior numero de Tapetes Artisticos Congoleum *Sello de Ouro* em uso do que qualquer outro.

As fabricas do Congoleum são as maiores do mundo. Dahi, o reduzido custo da sua fabricação e o modico preço por que é vendido.

Lindos desenhos para cada quarto

Os padrões do Congoleum são sempre creações especiaes—recentissimas—dos mais celebres desenhistas de tapeçarias de Paris, Londres e Nova York. As suas côres são uma verdadeira maravilha.

O "*Sello de Ouro*" *reproduzido acima identifica aos productos Congoleum legitimos. Recuse V. Excia. os que não tiver-lho.*

Com um Tapete Artistico Congoleum *Sello de Ouro* no chão, ser-lhe-á facilissimo ter o soalho sempre limpo e sanitario. Limpa-se o Congoleum num instante, com um simples panno molhado em agua—nada de poeira e trabalho fatigante! O Congoleum adapta-se ao soalho sem ser pregado de fórma alguma.

Note os preços baixos

2m75 x 4m58	210$000	2m29 x 2m75	111$000
2m75 x 3m66	173$000	1m83 x 2m75	87$000
2m75 x 3m20	155$000	0m92 x 1m83	30$000
2m75 x 2m75	133$000	0m92 x 1m37	22$500

0m46 x 0m92..... 7$500

Nos Estados os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

Outras Formas de Congoleum

O Congoleum "*Sello de Ouro*" vem tambem em peças de 1m83 e 2m75 de largura. Ha tambem *Passadeiras e Guarnições Congoleum* com encantadores desenhos.

Á venda em todas as bôas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Company of Delaware

Caixa Postal 1605 Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12 São Paulo

R. S. 43

GRATIS

Lindo Folheto Colorido

Mande-nos este "coupon" com o seu nome e endereço e lhe enviaremos um Folheto Colorido, com reproducções dos bellissimos padrões destes famosos tapetes.

Congoleum Company of Delaware, Caixa 1605, Rio

Nome ____________________

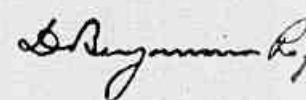
Rua e No. ____________________

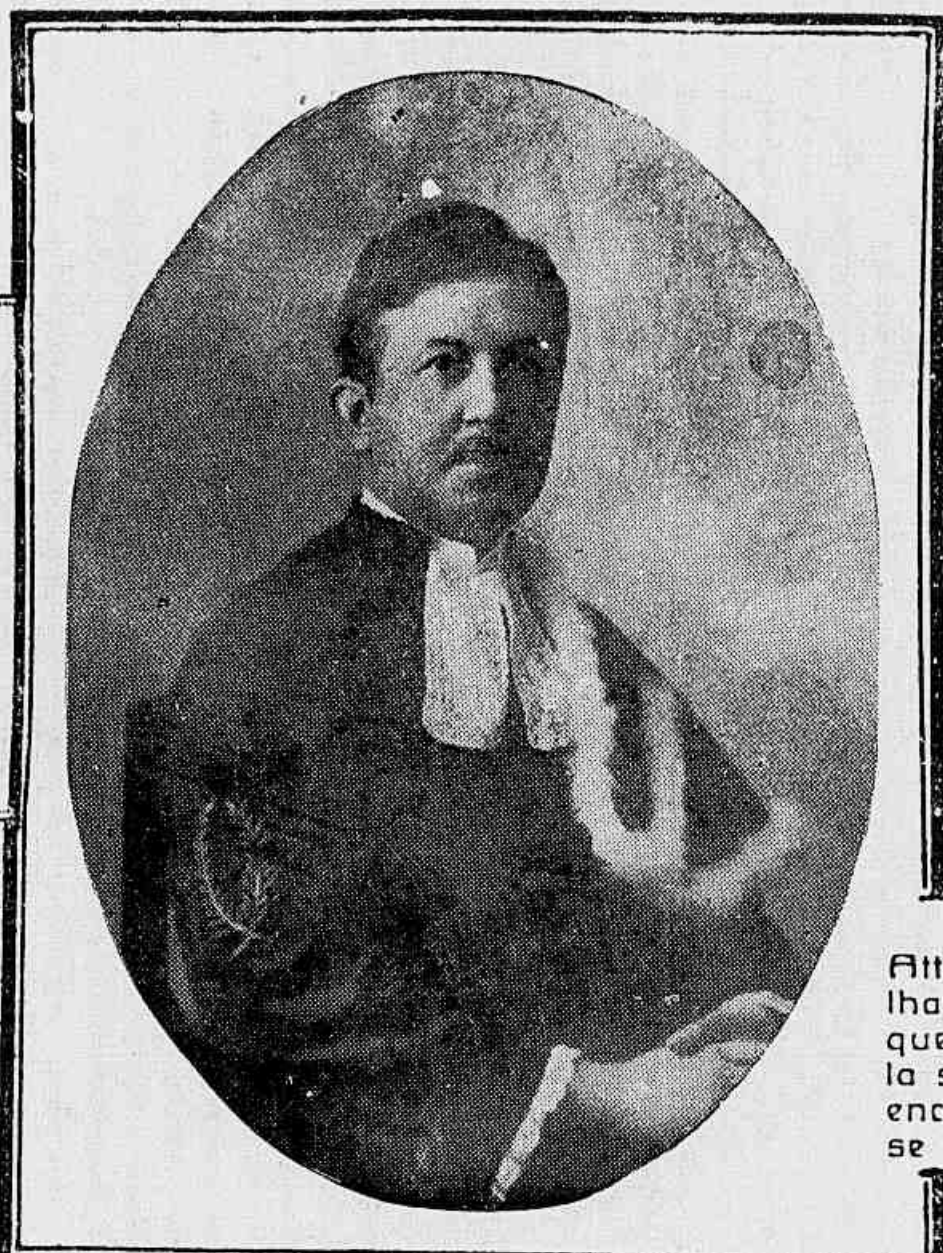
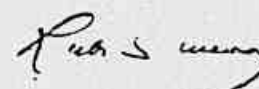
Cidade e Estado ____________________

ESCREVA CLARAMENTE

TAPETES ARTISTICOS

CONGOLEUM

Sello de Ouro

Dr. DELLAPE

Attesto que a Loção Brilhante, graças aos elementos componentes de sua formula, é um verdadeiro especifico para as affecções do couro cabelludo. Tenho-o receitado nos casos rebeldes de eczemas e affecções do couro cabelludo, barba e sobrancelhas, contando já com não pequeno numero de curas. Reputo, pois, a "Loção Brilhante", um excellente medicamento para as molestias do couro cabelludo. Eu proprio tenho feito uso da referida Loção contra as caspas e quéda do cabello com resultados surprehendentes.

Dr. BENJAMIM REIS

Attesto ser a Loção Brilhante um optimo preparado, não só contra a caspa, mas tambem como reconstituinte para os cabellos, tendo dado bons resultados a todas as pessoas a quem tenho aconselhado usar.

Dr. RUBIÃO MEIRA

Attesto que a Loção Brilhante é um preparado que merece confiança pela sua manipulação, preenchendo os fins a que se destina.

A Prova Insophismavel

Dr. LUIZ MIGLIANO

Attesto que a Loção Brilhante possue na sua composição substancias que evitam a quéda do cabello.

Dr. LUIZ VAZ

O abaixo assignado, doutor em medicina e pharmaceutico, pelo que tem observado, considera "a Loção" medicamentosa Brilhante, como dotada de magnificas propriedades para combater a quéda do cabello e extinguir promptamente a caspa.

Temos o prazer de dar publicidade a algumas provas do grande valor medicamentoso da famosa LOÇÃO BRILHANTE. São ellas firmadas por scientistas que honram a medicina mundial.

A LOÇÃO BRILHANTE é, incontestavelmente, o melhor especifico tonico-capillar para combater a Quéda dos Cabellos, Seborréa, Caspas e todas as affecções do couro cabelludo.

Dr. CASSIO MOTTA

A Loção Brilhante, formula do Dr. Ground, é dos preparados deste genero que melhores resultados tem produzido, razão pela qual, aconselho-o sempre em minha clinica e passo este attestado sem o minimo constrangimento.

GRATIS!

Enviaremos pelo Correio a todos que nos mandarem o Coupon abaixo, o folheto illustrado intitulado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

Snrs. Alvim & Freitas
Caixa, 1379 — S. Paulo

Peço-lhes enviarem-me o folheto illustrado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

NOME: ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Loção Brilhante

FORMULA DO GRANDE BOTANICO DR. GROUND, CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

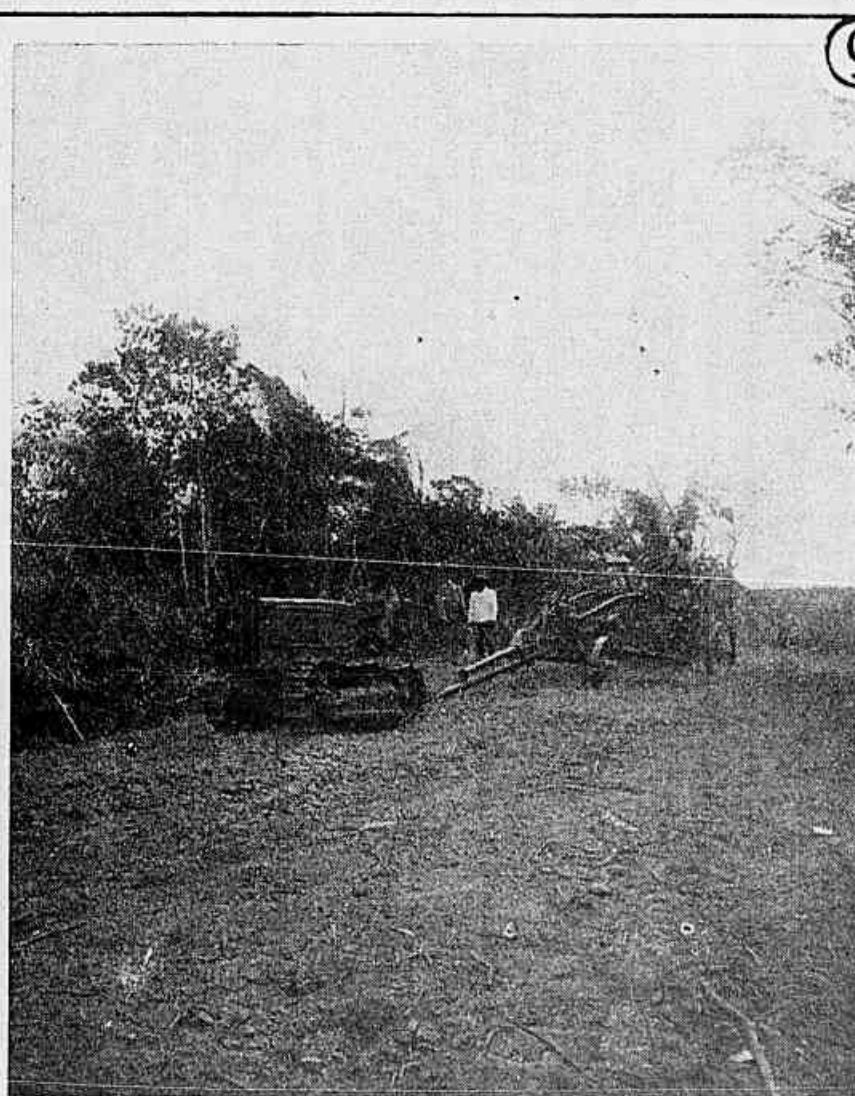
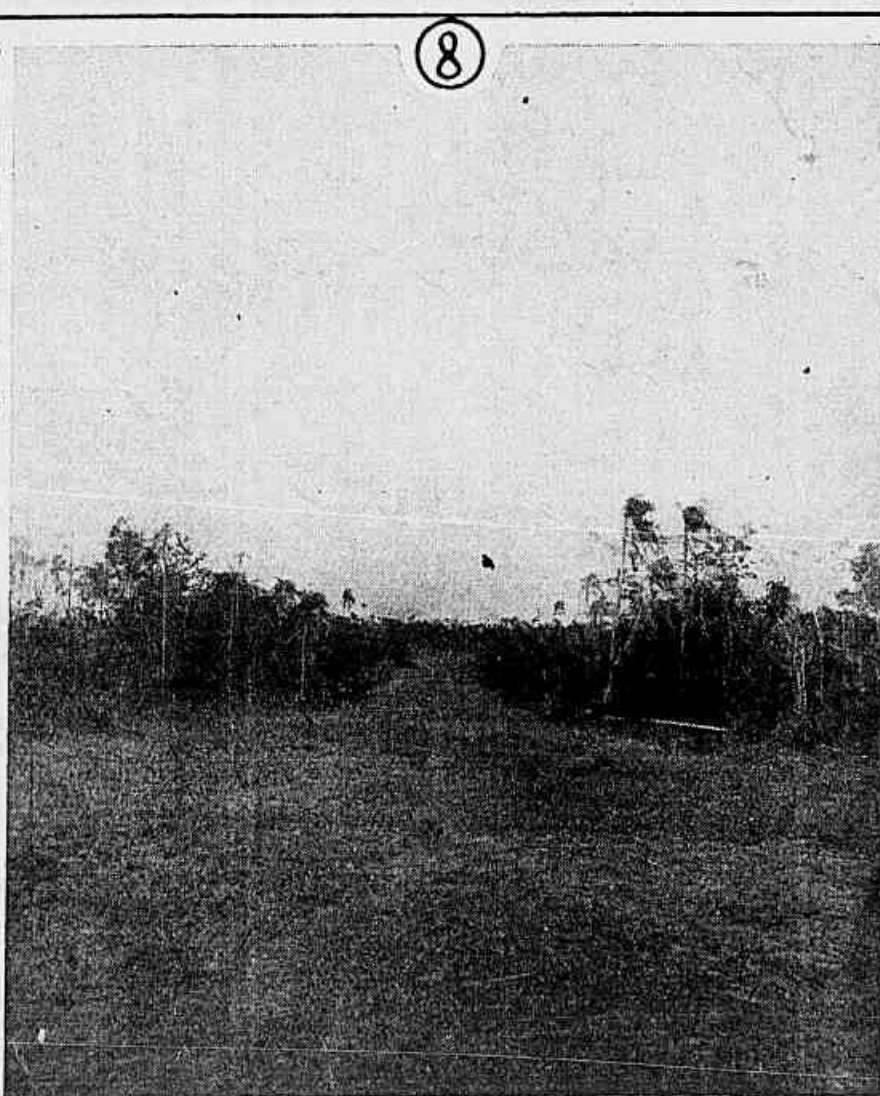
Grandes Laboratorios Alvim & Freitas
Rua do Carmo, 11 — S. Paulo

PUBL. ALVIM & FREITAS

OS PROGRESSOS ADMIRAVEIS DO ESTADO DO MARANHÃO

1 — Palacio do Governo depois da reconstrucção (inaugurado a 7-9-1926). 2 — Abertura de uma estrada em plena matta, no sertão maranhense. 3 — Trecho, em construcção, da estrada S. Luiz-Rosario, actualmente já concluida. 4 — Trecho da estrada S. Luiz-Rosario quando no periodo de construcção. 5 — Ponte de concreto armado no Anil. 6 — Ponte de concreto armado, estrada do Olho d'Agua. 7 — Aplainadora num trecho da estrada de S. Luiz a Rosario, quando em construcção e já hoje inaugurado. 8 — Trecho da estrada S. Luiz-Rosario, já inaugurada. (Photographia tirada no periodo da construcção). 9 — Construcção do trecho Anil-Maracanã da estrada de rodagem S. Luiz-Rosario.

O Maranhão não tinha estradas de rodagem no inicio do governo do sr. Magalhães de Almeida. Hoje, dois annos após a posse desse presidente, a capital pode-se communicar, de automovel, com a cidade de Carolina, na fronteira de Goyaz. Antes do fim do seu governo, o presidente sr. Magalhães de Almeida pretende pôr em communicação todos os municipios entre si e, portanto, em contacto com a capital.

O Maranhão progride com a sabia e criteriosa administração actual, que é fecunda e de resultados admiraveis.

Cronica de Paris

Paris, Maio de 1928

De tempos a tempos, ha que voltar a occupar-nos da linha. E' a grande novidade, a que nos alegra a existencia depois de tantos annos de implacavel rigidez. Agora, pelo contrario, se nos offerece infinitamente variada e caprichosa, sob um aspecto absolutamente classico. Cada dia nos surprehende com uma nova cambiante; o movimento ascende enroscado ao corpo, já não se usa mais a linha rigida, que foi substituida por uma ponta que sobresáe francamente por detrás e não pelo lado esquerdo como succedia até agora. Quanta cogitação, até chegar a dar com a linha definitiva que ganhará um posto através dos annos! Mas, ao mesmo tempo, essa tactura constante é a nossa melhor distracção de artistas preoccupados com a eterna lucta para captar a belleza.

A cintura sobe, mas para se harmonizar de accordo com a saia que cáe atrás e é mais baixa pela parte posterior do que por deante. Desenha-se outra vez a linha dos quadris, mas o corpo do vestido é ablusado sobre elles e á frente, ficando recto atrás, com o que se alcança uma nova attitude, que se acentua muito nos vestidos para noite, em que o talhe sobe muito adeante e cahe atrás, seguindo o rithmo da saia que se arrasta até aos tornozellos e encurta por detrás até aos joelhos. Esta silhueta afina-se e elegantiza-se com a fórma accumulada adeante.

Todas as mangas são longas, soltas nos braços e ajustadas nos punhos, descendo ás vezes sobre as costas da mão por meio de uma ponta e de um effeito arredondado.

Os decotes são redondos e os ponteagudos costumam adornar-se com guipures e bordados á mão.

Como se vê, a linha, em geral, não é despida mas, pelo contrario, muito complexa, ligeiramente vaga e adornada com toda a especie de caprichos enganadores, que o são tanto que não permittem por fim descobrir as linhas naturaes. A volta das mangas é enormemente plausivel; dão ao conjuncto do vestido um enorme chic e correcção. Sem embargo, para o pleno verão, serão permittidas a meia manga e a manga curta, que servirão de motivo para accumular nellas toda a especie de caprichosos adornos.

Para tirar todo o partido da nova linha, é necessario que a roupa interior avulte muito pouco ou quasi nada, de maneira que a roupa branca reduza as suas dimensões, tornando-se mais elegante e — o que é mais sensivel — mais cara e mais fragil. Os voiles triples, os crepons georgine, que se empregam na sua confecção, são verdadeiramente tecidos que parecem feitos para satisfazer caprichos de fadas, mas não para comprazer ás senhoras desta época, que notam com desconsolo que o seu bolso está em desproporção com esses delicados tecidos tão bonitos, tão delicados e que se rompem tão depressa. Isto explica que as elegantes não tenham perdido o sentido da prudencia; preferem a roupa interior de jersey, a qual tem a solidez desejavel, uma delicadeza que seduz e uma gamma de cores verdadeiramente inextinguivel.

Estas reflexões póde fazel-as qualquer mulher de bom gosto, a qual, além d'isso, terá á mão, onde quer que viva, as materias elegantes sobre que possa exercer o seu bom gosto, de tal maneira que se, como dizem os francezes, onde quer que haja uma mulher bem vestida ha uma parisiense, bem se póde dizer que onde quer que haja uma mulher com sentido artistico poderá existir uma mulher bem vestida, graças á industria que se preoccupa em divulgar a moda em e levar as suas creações a todos os cantos do mundo.

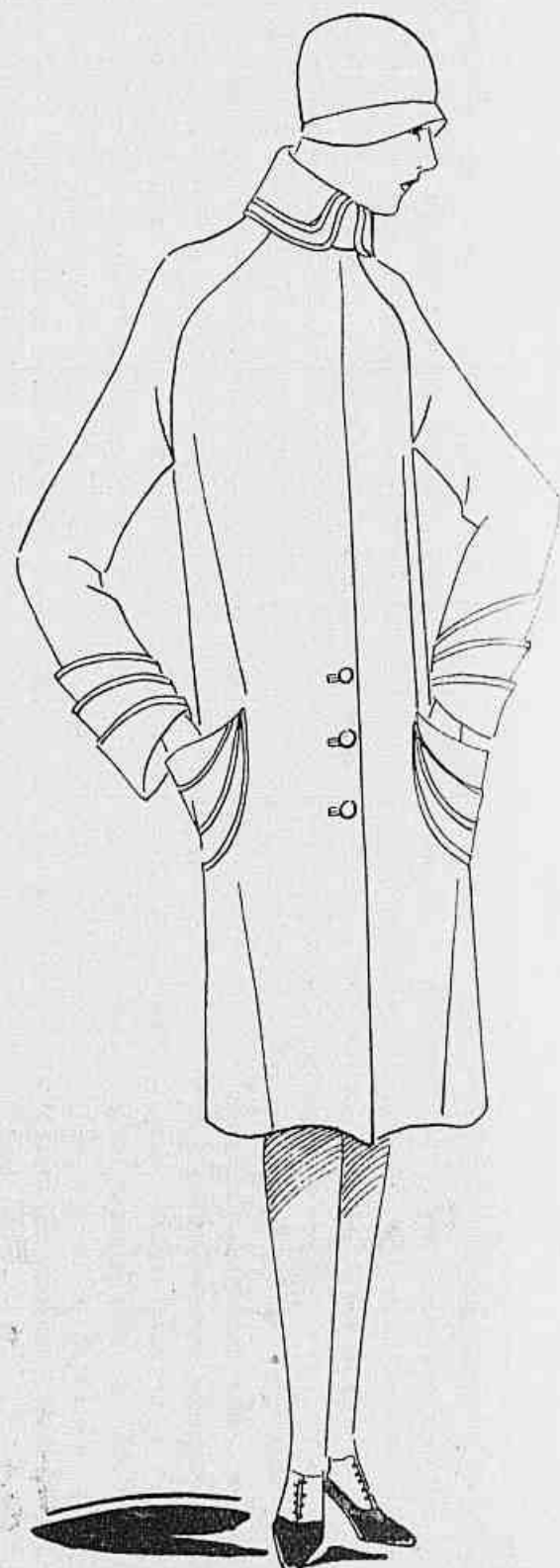
A. d'Enery

A moda parisiense em Longchamp.

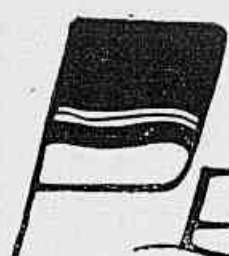
Blusa de crêpe de China vermelho trabalhado de *jours*. Barrettes do mesmo tom.

Tailleur de *reps* preto, abrindo sobre uma blusa de crêpe branco bordado a prata. Pequeno paletot curto, deixando vêr o cinto de fita encerada.

A moda em Longchamp.

Blusa de jersey de dois tons, verde claro e verde escuro, bordada a metal dourado.

Manteau de sport de lã beige. Os bolsos, os enfeites e a golla são guarnecidos de viezes do mesmo tecido.

O QUE VAE PELO MUNDO

1 e 4 — Dois aspectos tirados na Escola para Bombeiros, em Londres, onde se ensina o uso de mascaras contra gazes. 2 — Uma senhora da sociedade ingleza com a sua exquisita mascotte, em passeio pelo Hyde Park. 3 — A *mignonne* artista Joyce Petts, de Londres, de oito annos de edade, que tem deliciado os inglezes com as suas lindas dansas. A gravura representa a encantadora creança dansando o minueto de Paderewski. 5 — Espectaculo de circo nas ruas de Berlim: tres motocyclistas em passeio de reclame. 6 — Escola de Manequins em Londres, que bem póde ser tambem escola de equilibrio.

O PENULTIMO SENADOR DO IMPERIO

POR ESCRAGNOLLE DORIA

O TEMPO, o surdo temivel, tem supprimido os ultimos representantes do Senado do Imperio. No torvelinho de vida nova symbolisavam instituição antiga. Ha cerca de quarenta annos veem cahindo, um a um, guardando sem duvida reflexões acerca das surprezas das inversões sociaes subitas, que do nada fazem tudo.

Acaba de tombar o penultimo d'aquelles representantes da instituição senatorial creada ao nascer da nacionalidade, de primeiro ensaio em 1826, fadada a sessenta e tres annos de existencia politica.

N'esta capital desappareceu agora o dr. Carlos Peixoto de Mello, senador do Imperio por Minas Geraes. Elle e o dr. Antonio Prado eram os ultimos senadores monarchicos vivos, participes ambos de uma geração cuja mocidade transcorreu no fervedouro da guerra do Paraguay e cuja velhice devia presencear guerras civis sobre guerras civis.

Proclamada a Republica no Rio de Janeiro, pelo Exercito e pela Armada, em nome da nação silenciosa, o Senado do Imperio contava sessenta membros vitalicios, delegados inamoviveis de provincias grandes e pequenas. Formavam ellas a massa de paiz ordeiro, prospero e feliz, no testemunho inequivoco da confiança do universo.

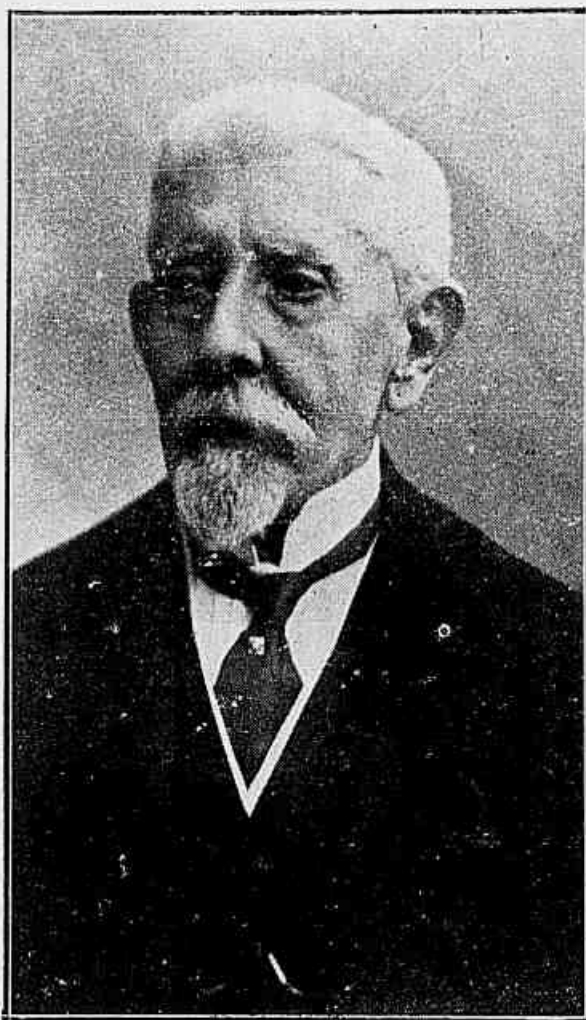
Quasi todos os nossos nomes politicos gloriosos figuravam na Casa senatorial desde 1826. Mesmo as figuras mais apagadas, na apparencia, da assembléa podiam justificar presença mercê de uma série de serviços que, por modestos, não mereciam desvalia.

Se para a elevação senatorial de alguns as influencias politicas tinham cooperado, essas influencias não deixavam na camara vitalicia um nullo. O visconde do Rio Branco não era mattogrossense, nem Salles Torres Homem vivera em Natal. Não é crivel, porém, que Matto Grosso se não honrasse com um delegado como o immortal da lei do Ventre Livre, nem o Rio Grande do Norte se não ufanasse com um mandatario da ordem mental de Salles Torres Homem, Timandro arrependido no visconde de Inhomirim.

A's cadeiras da Academia Franceza emprestam lustre successivo grandes ou distinctos nomes de cada seculo. Ficam em relevo na instituição favoneada pelo cardeal de Richelieu, sob cuja manto vermelho tanto se abrigaram a paz e a guerra, as lettras e os tratados.

Sous la coupole, no correr do tempo, puderam ficar Coppée na cadeira de Musset, Ludovic Halévy na de Montesquieu, Pasteur na de Littré, Paul Bourget na de Voltaire, Loti na de Racine, Taine na de D'Alembert, Heredia na de Condorcet.

O credito das instituições politicas e litterarias depende das escolhas em face da morte. Nem sempre os substitutos podem augmentar, jamais devem diminuir. As heranças dos grandes papeis são fataes aos N. N. da peça da vida.

As cadeiras vitalicias do Senado do Imperio tiveram historia semelhante ás da Academia Franceza. N'ellas foi possivel a Cotegipe substituir Alves Branco; a Nabuco lembrar Cayrú na mesma cadeira; a Ouro Preto sentar-se onde Vergueiro se sentára; a Souza Franco ficar em vez de José Clemente Pereira; a Octaviano não desdourar Uruguay como este a Maricá; a Itaborahy substituir Feijó; a Gaspar Martins render Osorio; a Manuel Felizardo, o organizador, succeder Bom Retiro, o administrador.

O penultimo senador do Imperio, dr. Carlos Peixoto de Mello, escolhido e reconhecido em 1889.

O Senado do Imperio começara vida em 1826 com cincoenta senadores, um dos quaes da Provincia Cisplatina. Tendo ou pretextando doença jamais se afastou da Banda Oriental para vir até á rua do Areal, outr'ora das Bôas Pernas. O senador cisplatino, allegando a fraqueza das proprias, não conheceu o palacio do conde dos Arcos, o antigo vice-rei do Brasil sob o qual Rocha Martins tanto e tão bem escreveu em substanciosa monographia.

Quando o Senado do Imperio pereceu possuia sessenta membros.

De 1826 a 1889 surgiram duas provincias, o Amazonas e o Paraná, cada uma com um representante. N'aquelle lapso de tempo a Bahia obteve mais uma curul, na Regencia; o Maranhão outra, no segundo reinado; o Pará duas curues, no fim do Imperio; o Rio de Janeiro duas curues, uma na Regencia, para um regente, o pae de Caxias, outra nos meiados do segundo reinado; o Rio Grande do Sul duas curues, e Sergipe outra.

Desde a creação do Senado, Minas foi a provincia de maior numero de representantes, dadas a extensão territorial e a massa de população da provincia.

Concedeu-lhe o Imperio dez curues, conservando-lhe vinte representantes na Camara dos Deputados.

Das bancadas mineiras, no Senado e na Camara, sahiram para o poder senadores e deputados que não só o honraram como o serviram, entre os inevitaveis erros humanos, salvo o da deshonestidade administrativa.

As eleições senatoriaes mineiras, mormente no declinio do Imperio, com a lei da eleição directa, foram sempre muito disputadas. Entretanto, de 1826 a 1889 nenhuma jamais offereceu brécha de annullação. Todos os senadores do Imperio mineiros ou por Minas tomaram posse de curues em santa paz, sem o zumbido de contestações nem o berreiro de menos felizes.

Na bancada senatorial mineira a politica escolheu varios presidentes do conselho — Paraná, Abaeté, Ouro Preto, Lafayette, Martinho Campos — e a innumeros mandatarios de Minas deu farda de ministro, *coupé* de rigor e ordenança atrás do carro.

Ao proclamar-se a Republica, Minas via-se representada no Senado do Imperio por nove senadores: Assis Martins, Ouro Preto, o barão de Santa Helena, Cruz Machado, Manoel José Soares, Lafayette, Candido de Oliveira, Joaquim Delfino e Lima Duarte.

Pela chronologia era o conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz o decano da bancada, escolhido em 1870, seguindo-se-lhe, por ordem de antiguidade: Cruz Machado, escolhido em 1874; Ouro Preto em 1879, bem como Lafayette; Lima Duarte e Assis Martins, escolhidos em 1884, Candido de Oliveira em 1886, Santa Helena e Soares em 1888.

A 7 de Março de 1889 fallecia um senador por Minas Geraes, Evaristo Ferreira da Veiga, cujo nome, no fim do seculo XIX, lembrava o do publicista da Regencia, tão de fama no talento quanto, o que é muito mais raro, no desinteresse.

Sem parecer, a mortalidade senatorial era subida. Abria ensejo a muitas ambições superiores por um logar tão appetecido quanto appetecivel não pelo vulto do subsidio, setenta e cinco mil réis diarios em quatro mezes de sessão, gratuitas todas as prorogações legislativas, ignorando se podemos dizer tal qual hoje.

Ser senador do Imperio era estar sujeito á vista e á analyse do paiz inteiro, ficar á mão de semear das organizações ministeriaes, substituir gente famosa ou digna.

Comprehende-se, pois, quanto uma vaga na rua do Areal devia agitar o Rio de Janeiro e a provincia onde occorria a substituição.

Fallecido Evaristo Ferreira da Veiga, nem dous annos após a sua escolha em 1887, substituindo Martinho Campos, que lhe tomára frente senatorial em 18[illegible], a situação conservadora tomou providencias para a nova eleição, estando na presidencia de Minas o dr. Antonio Gonçalves Ferreira.

O anno de 1889 seria o ultimo a presencear eleições no Imperio para preenchimento de mandatos populares. N'elle Minas votou para substituir o novo Evaristo constituindo lista triplice para a escolha livre e constitucional do Poder Moderador.

Presente a lista triplice mineira áquella escolha, aguardada com ansiedade comprehensivel pelos interessados, o imperador elegeu novo senador o dr. Carlos Peixoto de Mello.

A Constituição do Imperio exigia o minimo de quarenta annos para poder qualquer cidadão brasileiro aspirar á honra de ser senador vitalicio. Corre por conta da tradição o facto de Maciel Monteiro recusar senatoria só para não confessar idade superior a quarenta annos. Mas por conta da tradição desce ao curso da historia tanta inverdade...

Carlos Peixoto tinha por occasião da escolha senatorial quarenta e quatro annos. Nascera em Piranga, Minas, formara-se em engenharia na Escola Central hoje Polytechnica, dirigira-se por fim á politica.

Apresentou-se na Camara deputado geral por Minas na legislatura de 1872 a 1875. Filiado ao partido conservador, logrou assento na camara liberal de 1878, reapparecendo na legislatura de 1885 logo dissolvida, reeleito na seguinte.

N'um dos momentos da Camara, no occaso do Imperio, a eleição de seus pares o elevou da bancada mineira a primeiro secretario da assembléa. Tal cargo e o de presidente d'ella eram considerados os de maior relevo sobre confiança politica.

Da Camara dos Deputados devia ir Carlos Peixoto para o Senado. Uma carta imperial de escolha o fez para tanto dar primeiro passo, como o Senado, reconhecendo-o, fal-o-hia dar segundo passo.

Não chegaria, porém, á cadeira senatorial, á mingua de posse. Foi-lhe esta tolhida pelo 15 de Novembro de 1889, que fuzilando a vitaliciedade do Senado dispensou os senadores do Imperio.

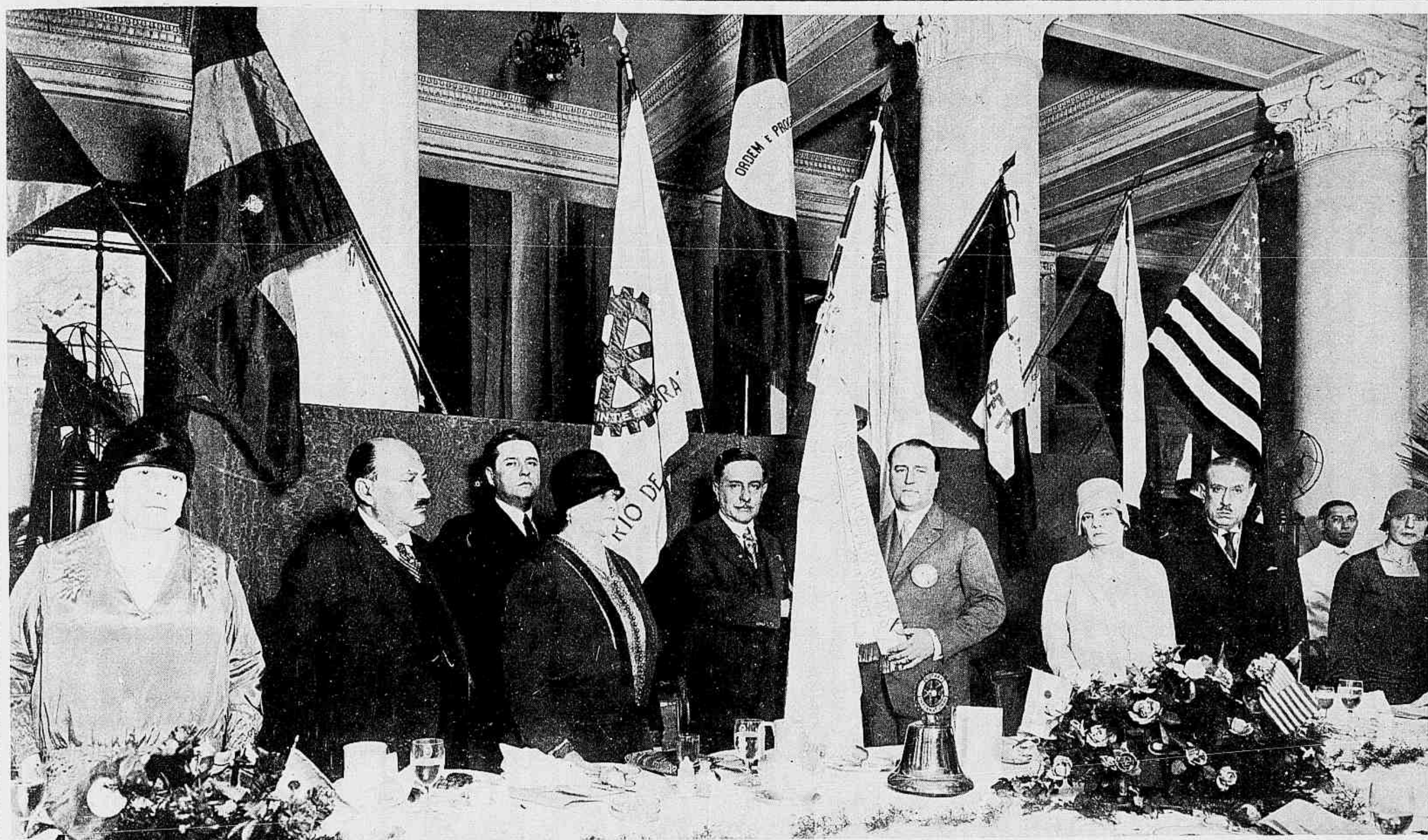
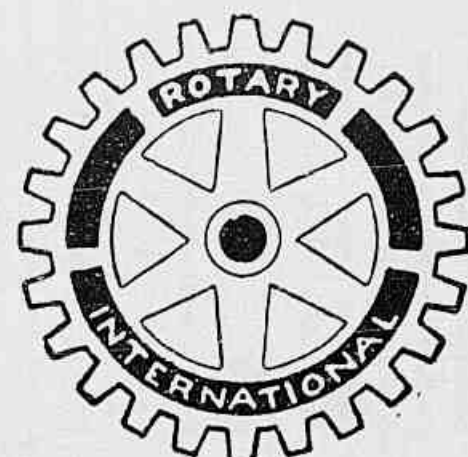
Não foi Carlos Peixoto o unico então privado de sua curul. Tambem das suas curues se viram esbulhados, por um lance de fortuna, varios outros escolhidos de 1889: Nogueira Accioly, escolhido pelo Ceará; Carneiro da Rocha, pela Bahia; Eduardo de Andrade Pinto, pelo Rio de Janeiro; Couto de Magalhães, por Matto Grosso.

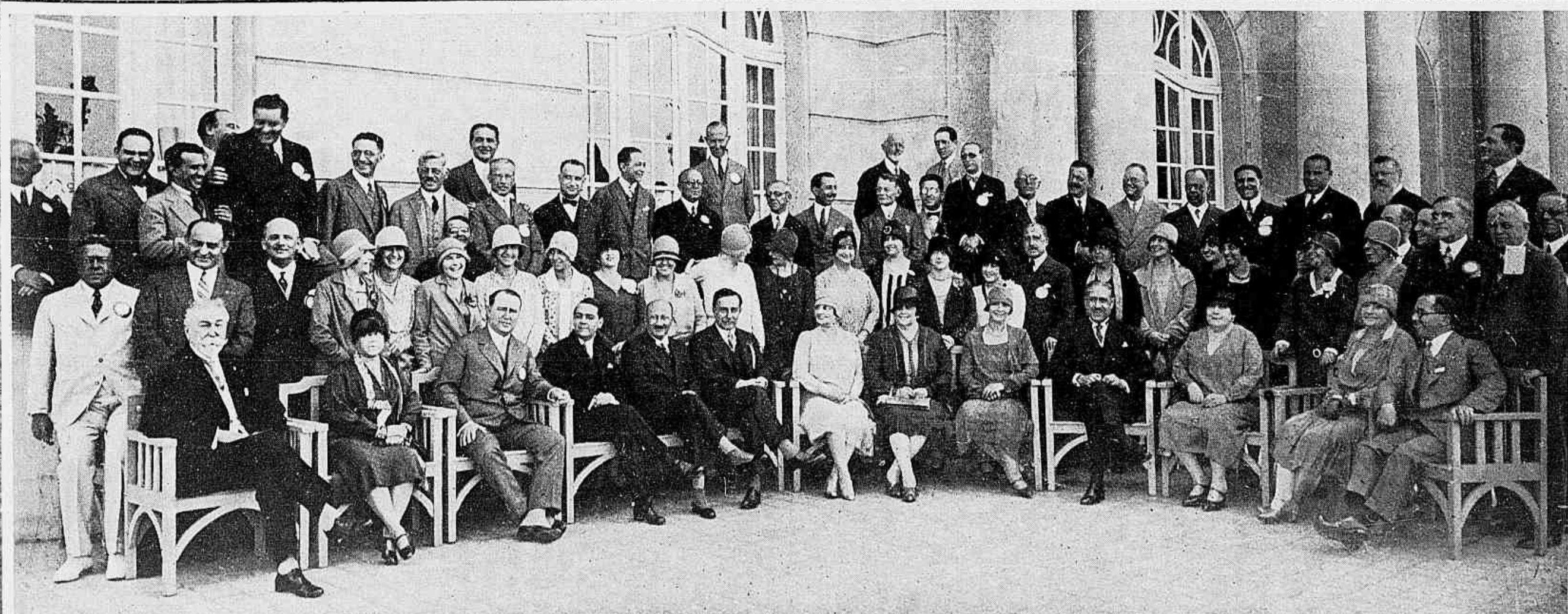
Feita a Republica, Carlos Peixoto recolheu-se á vida privada. Conservou-se fiel ás suas crenças, sem reclamo ou esmorecimento. Dedicou-se á caridade e á patria, serviu na Santa Casa da Misericordia, em associações vicentinas, na Liga da Defesa Nacional.

Terminou agora longos dias de existencia, calmo, correcto na compostura e no trajo, espelho e exemplo de uma geração que conhecera e concorrera para um Brasil bem diverso do actual. Pae de politico influente da Republica, deixou-se ficar onde estava no Imperio. Tendo sido muito, nada mais quiz ser. E com essa philosophia de sereno protesto e doce pessimismo chistâmente recebeu a morte.

Escragnolle Doria.

O edificio do Senado do Imperio, antigo palacio do vice-rei Conde dos Arcos.

A bandeira da Argentina no Rotary-Club

O Rotary-Club desta capital foi honrado com a dadiva do glorioso pavilhão da Republica Argentina, offerecido pelos oito clubs da grande nação do Prata aos rotarianos brasileiros, e esta pagina fixa alguns aspectos tirados por occasião da entrega do pendão argentino.

1 — D. Cupertino del Campo, antigo presidente do Rotary-Club de Buenos-Aires, portador da bandeira argentina. 2 — A ceremonia da entrega da bandeira por D. Cupertino del Campo ao dr. Miranda Jordão, presidente do Rotary-Club. A' esquerda deste, a senhora del Campo e o sr. embaixador da Argentina; á direita d'aquelle, a senhora embaixatriz Mora i Araujo, o dr. Rodrigo Octavio Filho, o sr. Rodrigues Alves, embaixador do Brasil na Republica Argentina, e a senhora embaixatriz Rodrigues Alves. 3 — O sr. embaixador Mora i Araujo pronunciando o seu discurso no Rotary-Club. 4 — Grupo de pessôas que tomaram parte no almoço do Rotary-Club em que se realizou a entrega da bandeira argentina.

Maud, a bailarina

por Beatriz Delgado

TINHA oito annos quando os paes a obrigaram a fazer as primeiras acrobacias no circo em que trabalhavam. Até lá, a sua utilidade consistira em estender uma bandejinha dourada ao publico, em saltar cem vezes seguidas a corda flexivel e em romper um arco de papel com os dentes deixando uma roda no centro. Mas os seus oito annos fortes e um pouco tristes gritavam proezas de maior valia, e uma imperceptivel vaidadezita levava-a a experimentar deante do espelho os passos esquisitos que via fazer á bailarina da troupe. E Maud fez-se dansarina com a mesma facilidade com que rompera os arcos de papel com os dentes.

Habituada aos applausos, não vivia sem elles. Noite em que fossem menos freneticos, sentia uma enorme tristeza, um receio esquisito de que a sua arte fosse menos bella ou a sua belleza menos captivante. Porque na joven bailarina a arte e a belleza alliavam-se como dois gemeos ligados pela semelhança. Não soffrera de amor porque o amor não a visitara ainda. E vivia satisfeita, dividindo os cuidados entre a graça das suas dansas e a graça do seu corpo.

Mas uma noite — por que ha-de existir sempre "uma certa noite", na vida das mulheres? — Maud notou uns olhos quaesquer, uns olhos que possuiam um iman especial, um fluido certeiro que a foram ferir no coração. E Cupido varou-a com uma das suas setas repentinas. Pouco a pouco foi esquecendo a graça dos bailados para meditar nas dansas do amor... Até que um dia o aborrecimento, a saciedade, a ansia do inédito levaram o amado para outras paragens, para outras mulheres que não exhibiam bailados nem pretendiam egualar-se á doce La Valliére na eterna constancia.

E Maud, a bailarina, voltou ás suas dansas artisticas mais mulher, mais desanimada e mais triste. Qualquer coisa havia, porém, de novo na sua arte: uma amargura e um requinte criado pela dôr.

Passaram os annos. Outras almas atearam chammas differentes no coração de Maud. Outras illusões cresceram no jardim encantado da sua vida. Entretanto, a lembrança daquelle primeiro affecto, daquella extranha e banal aventura amorosa perseguia-a sempre, punha uma mancha clara no escuro da sua existencia. Era como um pharol que fosse desapparecendo pouco a pouco na grandiosidade do mar, mas que deixasse um reflexo nos olhos dos que o olharam. Os annos correram; e a velhice veio com o seu cortejo de gelos e de invernos. Maud já não bailava, porque os seus pézitos fatigados imploravam o descanso e recusavam-se ao rhythmo da musica. Os seus pés eram como certas mulheres que promettem e se não entregam... Uma noite quiz vêr, pela ultima vez, certa bailarina famosa e acclamada. Quiz vêl-a para recordar o que fôra, para estremecer na alegria dum passo difficil ou duma pose inédita. Foi feliz e desventurada. Sentiu as lagrimas dos que tudo tiveram e dos que nada possuem. E á sahida, quando os seus cabellos brancos se envolveram numa mantilha de renda, alguem lhe tocou ligeiramente no braço. Voltou-se. Era um velho, encarquilhado e triste, com uma certa arrogancia no olhar.

— Que deseja, senhor?

— Maud, será possivel?

— Não o conheço...

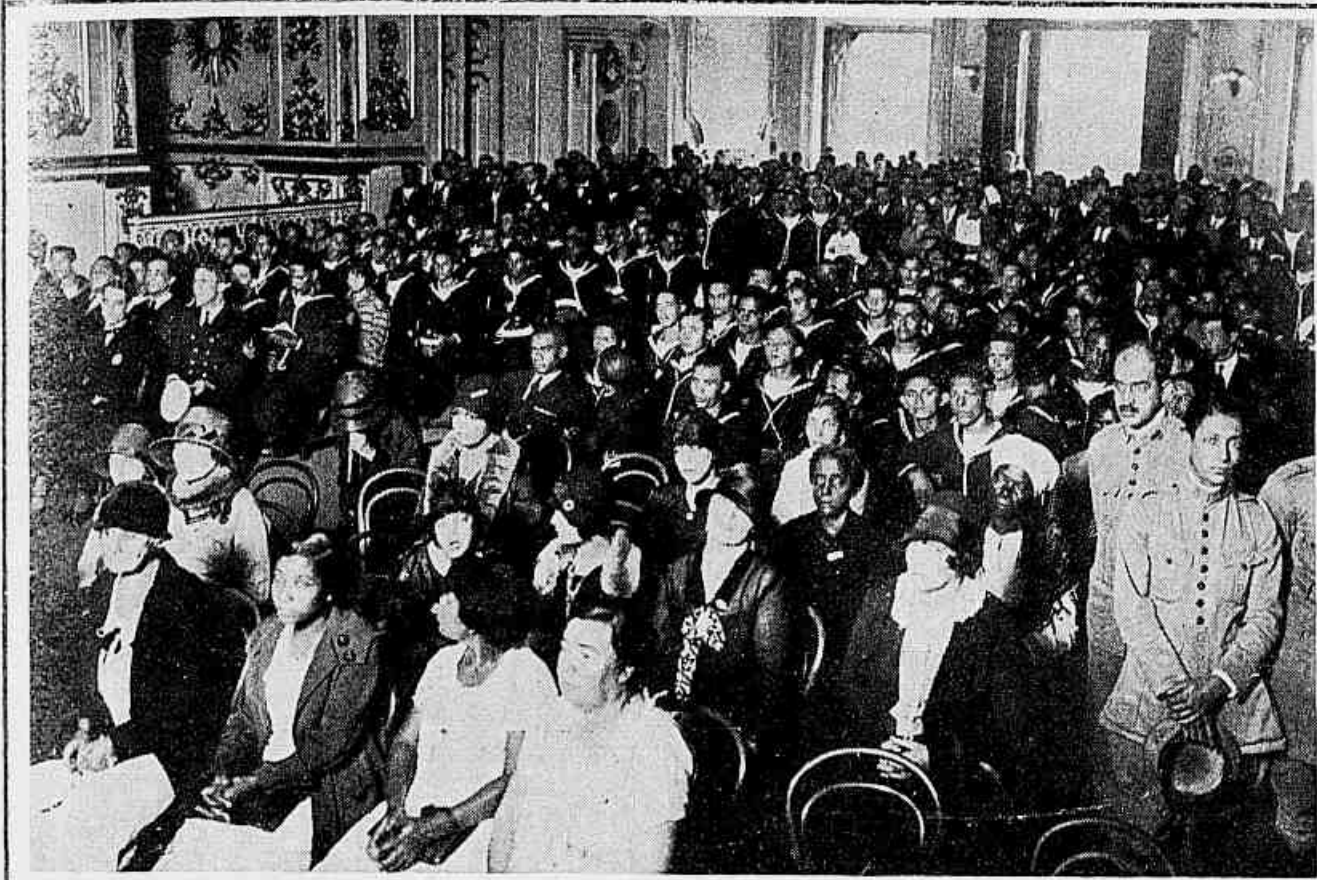
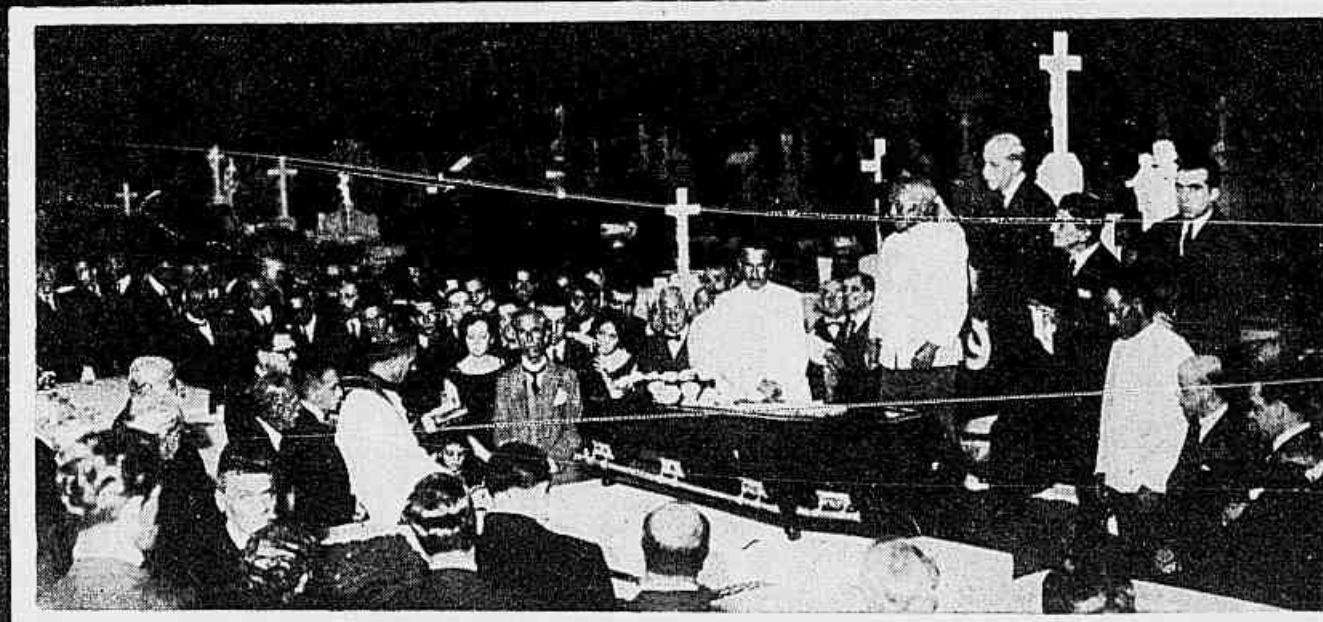
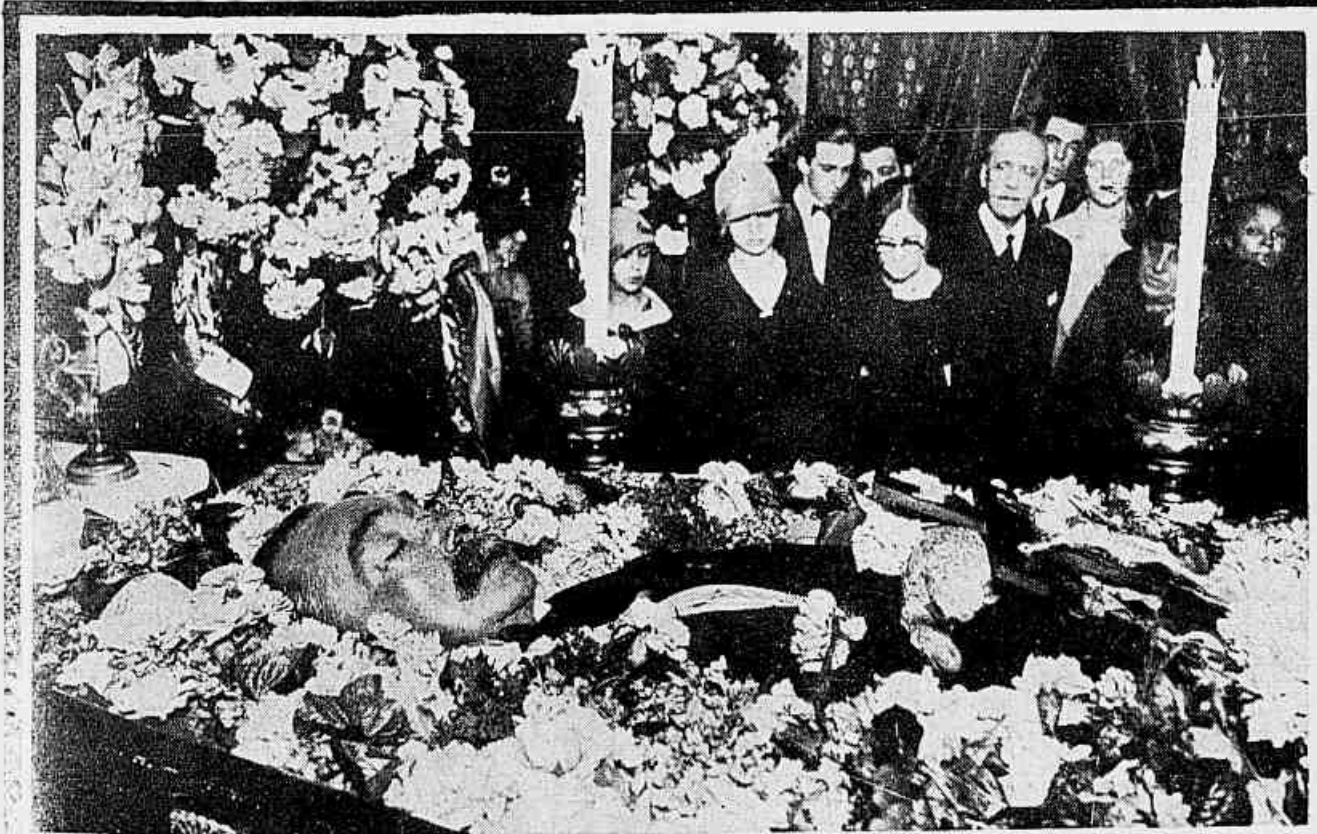
— Como devo estar mudado, minha amiga! Esqueceu aquelle que foi o seu primeiro amor?

Ella fitou-o bem. Sim, era elle. Mais feio, mais velho, mais triste, mas era elle. E uma piedade infinita lhe quebrou a alma; piedade por elle, por ella e, principalmente, pelas illusões do passado. Quiz dizer qualquer coisa, ser ainda mulher, mas não poude. E apontando-lhe as rugas e os cabellos brancos disse:

— Maud, a pequena bailarina que amaste, morreu ha muito... Eu sou a sua avó: e herdei apenas della a tristeza e a desillusão.

"Deixa dormir os mortos, meus amor; porque é, ainda, na morte que se encontra a maior felicidade."

PELOS MORTOS DE DAKAR

Ao lado, aspecto tirado em Dakar na missa mandada resar pelas auctoridades francezas, ao serem repatriados os despojos dos marinheiros brasileiros ahi fallecidos, quando em operações de guerra na nossa divisão naval em 1918 (Photographia feita no momento em que se executava o hymno nacional brasileiro). Em baixo: dois aspectos tirados na cathedral do Rio de Janeiro durante a missa mandada resar pelas autoridades navaes. Vêem-se na ultima gravura os srs. ministros da Marinha e do Exterior; almirantes Frontin, Penido e Francisco de Mattos; o ministro do Uruguay, e altas patentes do Exercito.

A ultima jornada do martyr

O passamento do dr. Alvaro Alvim — o martyr da Radiologia — abriu um claro immenso no diminuto numero das creaturas que vieram ao mundo votadas ao sacrificio pelo bem da Humanidade. Perdendo o eminente scientista, o Brasil perdeu uma das suas mais vigorosas figuras, de mais accentuado relevo e de grandiosa projecção na historia do altruismo e da abnegação. As nossas gravuras representam: ao alto, dois aspectos tirados na camara ardente do martyr da Radiologia; em baixo, á esquerda, o sahimento do cortejo funebre e, á direita, a encommendação do feretro á beira da sepultura.

Pagina de Eva

DERROTA

"Ah! minha amiga, de que me vale a belleza?... De que me vale, a mim, para impedir a derrocada de minha felicidade?... De que me valeu para conservar só meu o homem em quem doidamente resumia esta felicidade?...

Na tristeza do anniversario de hoje, sózinha, neste quarto de hotel, como sózinha me encontro d'ora avante na vida, contemplo ironicamente esta imagem que todos são unanimes em reputar bonita. Num assomo de vingativo rancor, pergunto-lhe indignadamente: "De que te serviu esta boniteza, ó forma brilhante de mim mesma, se não soubeste defender a minha ventura? ... De que te serviu o broquel victorioso da tua graça se não me protegeste e não me resguardaste?... Contava tanto comtigo!... Tinha tanta fé no teu poder de seducção e na illusoria irradiação da tua formosura! E tu me trahiste!... Como se de repente houvesses enfeiado, tu miseravelmente me fizeste falhar, tu não me garantiste o que me prometteras, tu me mentiste, tu me mentiste!..."

Bonita... Tive tanta ufania, tanto contentamento em saber que o era!... Quando me olhava ao espelho sentia como a ebriez de ser o que era, saboreava inebriadamente todas as minucias da minha perfeição, pensando, com o coração dilatado de ternura, no orgulho com que faria a meu amado a offerta de mim-mesma...

Bonita... ah! minha amiga, se ao menos fosse bonita, mais bonita do que eu, a mulher que me tomou o meu marido, talvez eu lhe pudesse perdoar, a ella, a felonia de seu crime. E' feia então? indagarás, com o accesso interesse que temos todas pelas heroinas de romance, sobretudo de um romance de adulterio.

Não, não é feia; mas não é bonita tampouco. E' peior, como dizem os francezes. A primeira vez que a vi achei-a linda, e moça, e sympathica, e chic. Todas as qualidades, emfim.

A segunda vez, comecei a analysal-a.

Na terceira verifiquei que era vulgarissima. Nada tinha de todas as maravilhas de que me parecera dotada pela natureza. Só o chic talvez... Nada tinha, e tinha tudo. Longe della, chegava a achal-a feia. Perto, era simplesmente um encanto. Fascinava. E eu soffria-lhe, sem querer, como toda gente, o magnetismo da attracção. E' um destes seres de artificialismo e de agrado, um destes seres irresistiveis contra o poder dos quaes debalde nos tentariamos bater, nós, as bonitas.

São mulheres como as outras, se quizerem; mais mulheres do que todas as outras.

Teem, adquirido ou nato, o dom de agradar. Por mais que lhes queiramos esmaecer os dotes physicos e as prendas intellectuaes, onde quer que entrem tornam-se logo rainhas. Os homens fazem loucuras por ellas, e nós, pobres bonitas, soffremos consternadamente as consequencias dessas loucuras.

A mulher que me roubou o meu marido tinha o que eu não tenho talvez, o que eu não tive afinal para prendel-o no nosso lar, hoje desfeito, e retel-o entre meus braços sempre tão enamoradamente abertos para elle: tinha o *charme*. Tinha esse indefinivel agente de seducção, feito de mil nadas encantadores, aperfeiçoadas imperfeições e qualidades quintessenciadas. Esse dom de perturbar e de captivar que, não obstante a minha belleza eu jamais consegui ter.

Meu marido cedeu ao sabio encantamento dessa sereia num transporte de embriaguez que lhe obnubilou completamente a consciencia e a razão. Cedeu com delicia, enfeitiçado e feliz. Não pensou um segundo siquer no mal que me ia fazer, não pensou em cousa alguma. Entregou-se. Fui, a pouco e pouco, deixando de existir para elle. Quando por ventura se apercebia de minha existencia, importunava-o intoleravelmente. Não era remorso, era máo humor. Importunava sobretudo a ella. Pois o curioso no meu caso é a especie de inveja que ella me tinha, sem embargo da minha passividade de vencida e do total *emballement* do seu parceiro.

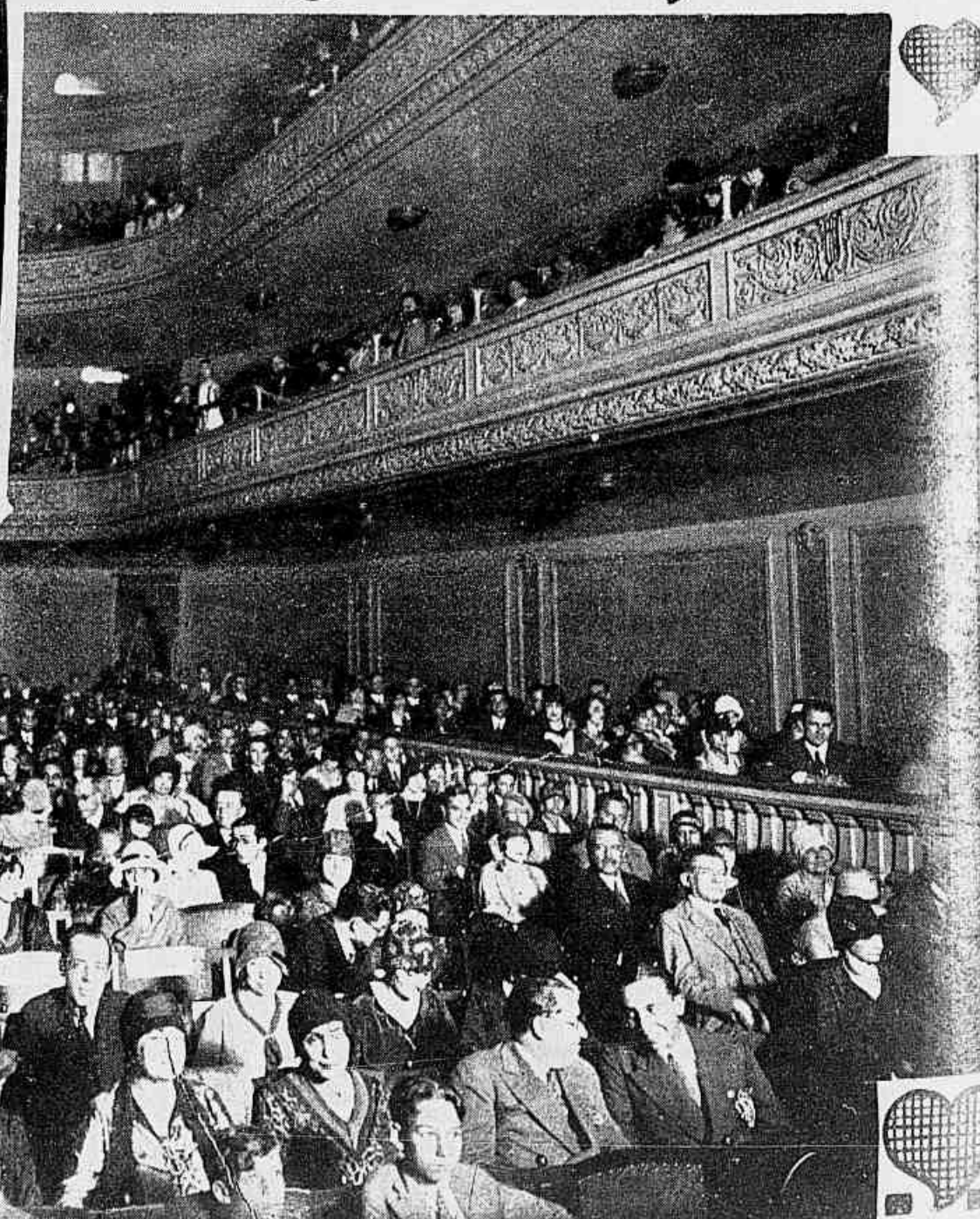
Apezar de triumphar, não me perdoava ser bonita. Cousas de mulher... A verdade é que a minha belleza não me impedia já não digo de ser enganada, sorte commum a todas nós, mas de ser abandonada. Forçada a reagir, vou requerer o divorcio. Não me quero sujeitar á humilhação de ser elle quem o proponha... Vou ao encontro de seus desejos. Desappareceréi do seu caminho.

— "Tão bonita, — dirás como todo o mundo — parece incrivel!..."

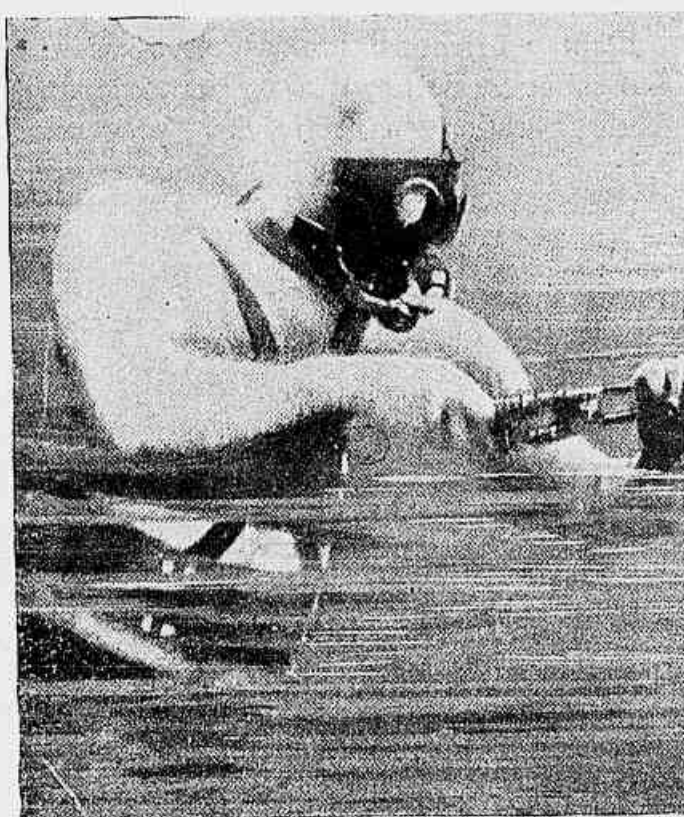
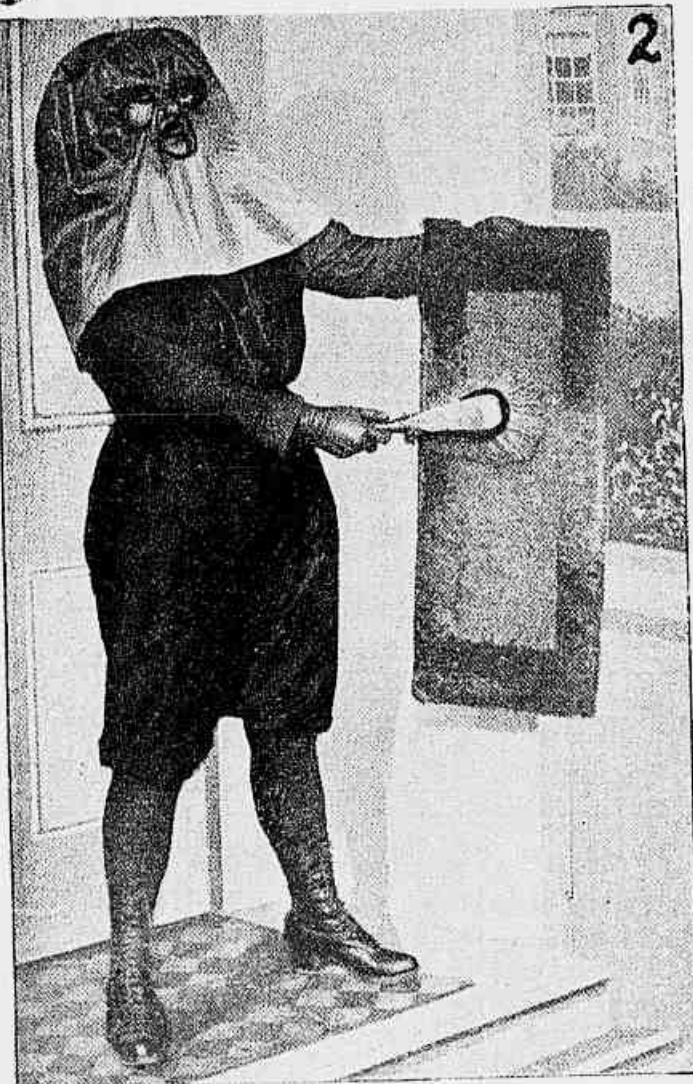
Incrivel, realmente, concordo eu, diante do inutil esplendor da minha mocidade. De que me serve ser bella para todos, se o não soube ser definitivamente para o unico homem que para mim conta entre os demais?... A belleza não me preservou de ser a desgraçada que hoje sou... De que me valeu, amiga, de que me valeu?..."

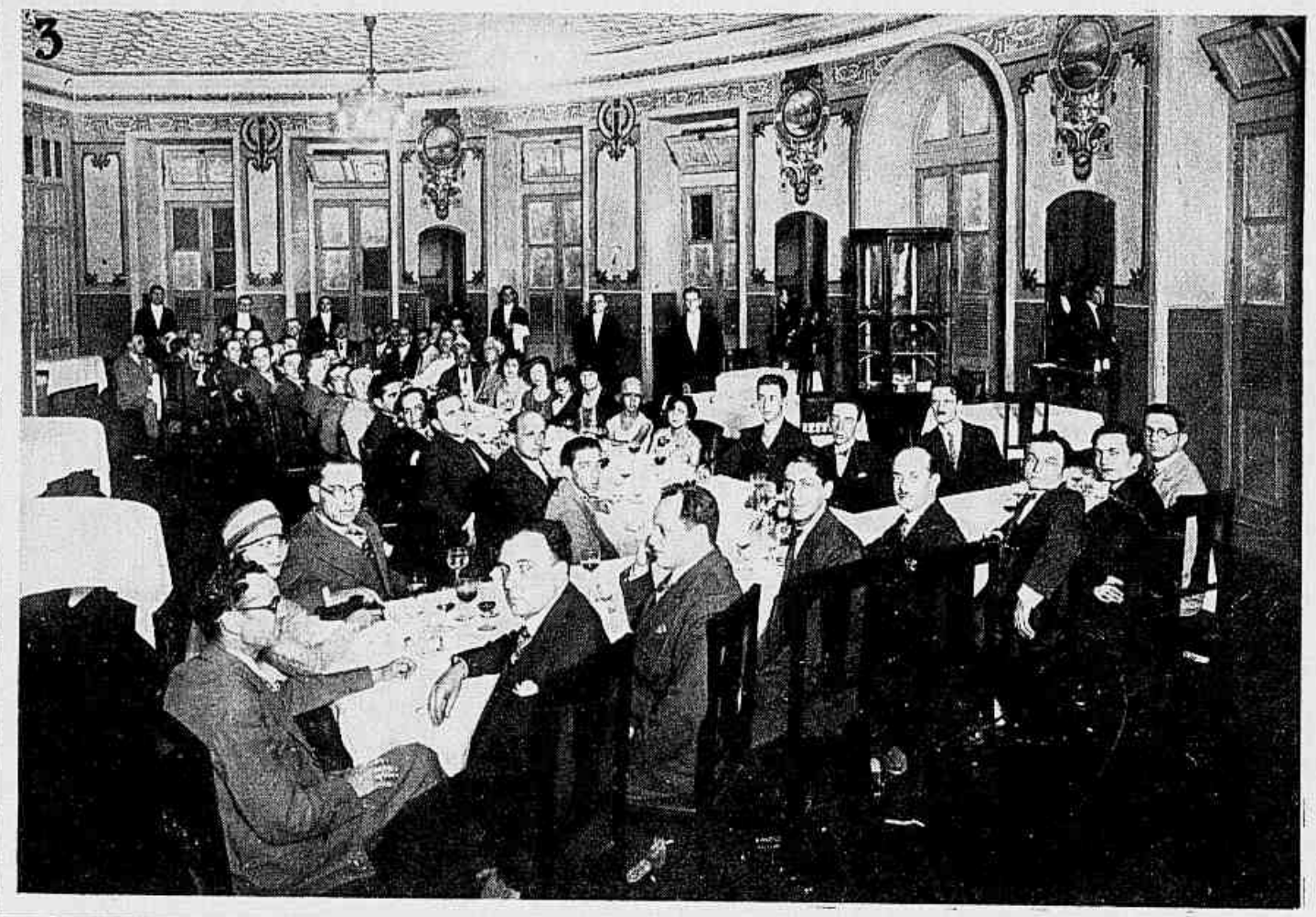
Maria Eugenia Celso.

A festa do Coração

Aspectos tirados no Instituto Nacional de Musica durante a Festa do Coração, realizada em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus. *Em baixo*: aspecto da assistencia. *Ao alto*: grupo de senhoras, senhorinhas e cavalheiros que tomaram parte nessa noite de arte, genuinamente brasileira.

O renascimento do violão

O violão, o instrumento suggestivo que tanto fala á alma brasileira e que parecia haver perdido algo do seu prestigio, teve no domingo ultimo uma verdadeira consagração, duplamente interessante pela graça da Mulher e pela poesia da praia de Icarahy. Inaugurou-se nesse lindo recanto de Nictheroy o Club do Violão com a solemnidade que se nota nas tres gravuras que aqui damos.

As mascaras do Seculo XX

1 — Mascara contra gazes... na paz. E' empregada nas minas. 2 — Mascara para preservar os pulmões da poeira. 3 — Mascara respiratoria para trabalhar em ambiente de ar comprimido, como seja nos caixões pneumaticos para salvação de navios submersos. 4 — Armado até aos dentes: um soldado japonez com mascara contra gazes e rêde de aço contra balas. 5 — Mascara, acompanhada de couraça, usada pela policia allemã na perseguição de bandidos. 6 — Mascara para foot-ball. 7 — Mascara de instituto de belleza. 8 — Mascara para affrontar os peixes no mar, usada para natação e mergulhos.

CARAVANA ODONTOLOGICA MINEIRA

A convite da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas esteve nesta capital a Caravana Odontologica Mineira, constituida de 50 cirurgiões-dentistas que aqui vieram em visita áquella aggremiação scientifica, á Assistencia Dentaria Infantil e á Federação Odontologica Latino-Americana. Os excursionistas, que tiveram uma sympathica acolhida por parte dos collegas cariocas, aqui permaneceram dois dias em meio de festas e passeios offerecidos pelas Associações visitadas. As photographias mostram: 1 — O desembarque na "gare" Pedro II; 2 — Sessão solemne na séde da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas em hommenagem aos seus visitantes; 3 — Banquete de despedida, offerecido pelas Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas e Federação Odontologica Latino-Americana, presidido pelos drs. Benjamim Gonzaga e Alexandrino Agra, respectivamente vice-presidente da F. O. L. A. e presidente da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas.

CLEMENCEAU, apezar de muito velho, ainda interessa a França e o mundo. O famoso demolidor de ministerios não pretende, por emquanto, abandonar este planeta onde o seu nome repercutiu com estrondo. A sua tranquillidade em frente da molestia é um traço dessa espantosa energia que lhe enrijou o temperamento, não permittindo nunca que um veio de sentimentalismo nelle se imiscuisse afim de abrandar-lhe as iras e as arremettidas. O "Tigre" mereceu bem o nome que lhe deram. O seu rancor ao povo inimigo patenteou-se com vehemencia, sem sequer a piedade o suavizar. Chegou a ser mais inexoravel que Bismarck, o que já é bater o record da inclemencia. Mas, esquecendo a sua acção na politica e os seus odios instigados pelo fogo sagrado do patriotismo, eil-o sentado na vasta escrivaninha, desfranzindo aquellas irritadas sobrancelhas de titan, adocicando os ferozes olhos e passando a mão pelo immenso bigode branco. E, para enfraquecer as furias do seu coração de despota, deixou o pensamento devanear na suprema contemplação da arte immortal. Foi desse modo que escreveu "Demosthenes", bebendo nesse sublime exemplo, como numa fonte sagrada, a pura lympha da belleza e do altruismo. Naquellas paginas esculpturaes e perfeitas como os marmores augustos, o escriptor esqueceu as invejas,as rivalidades, as intrigas e as mesquinharias da vida actual, essa vida de que, como poucos, sentiu o travo amargo, e deslumbrado quedou ante essa grandiosa figura da Grecia de outr'ora. Demosthenes tolheu-o de assombro, do mesmo modo como tolheu a sua patria.

"Homens de Athenas, conheceil-o? — pergunta elle fremindo de enthusiasmo. — Uma vasta fronte de poderes perturbados. Firmes os traços da physionomia sem ostentação de dureza. Dentes cerrados, labios convulsos, com o esbatido de um queixo ponteagudo de raciocinador, diziam dos sobresaltos intimos de uma razão que enxerga o abysmo e para elle se precipita de olhos abertos. A abobada craneana supera o homem através de tudo, amolgada pelo martello de lavas profundas que querem arremessar-se para fóra da cratera, afim de o invadir e subjugar. Virilmente elle vos trouxe o peso das esperanças além da vossa medida. O drama de uma vida desperdiçada pelo unico esforço de salvar o povo idealista, cujo bello ideal de luz humana ia horrivelmente succumbir".

Foram estas as palavras ardentes de Clemenceau aos gregos de hoje que se escudam orgulhosamente num passado intumecido de glorias. Na scintillação da Acropole, Demosthenes, junto dos marmores do Parthenon, reunia aquelles que a vibração de sua voz excitava de admiração. O orador habituado a lançar a palavra ás vagas descabelladas, rugindo e corcovando como as eguas espumantes das Walkyrias, conhecia-lhe a força e o poder indomavel de persuasão. Querendo salvar a Grecia, e sabendo qual o meio mais efficaz para obter-lhe a confiança, fez-se tribuno, á força de sacrificios, de perseverança e de abnegação. Esse homem extraordinario, guardião infatigavel da patria, teve a honra de ser apreciado por Philippe, seu maior inimigo, que lhe proclama nobremente as virtudes:

"Aquelle que faz explodir o odio contra mim em beneficio de sua patria, eu declaro-lhe guerra, atacando-o como a uma cidadella, uma trincheira, um arsenal, mas admiro-lhe o caracter e invejo a felicidade do paiz que possue tal cidadão. Se Demosthenes não estivesse em Athenas, eu tomaria essa cidade mais facilmente do que subjuguei outros povos... A astucia, a força, a surpreza e o dinheiro me abririam as portas. Mas aquelle homem, embora sózinho, véla pela sua patria. Sempre prompto a aproveitar as occasiões favoraveis, elle contraria todas as minhas tentativas, fazendo face aos meus exercitos, impedindo-me de conquistar a Grecia toda inteira de uma só vez. Elle desperta os patricios adormecidos como pela mandragora. Em logar de lisonjeal-os elle parece, pela liberdade de seus actos, empregar o ferro e o fogo afim de os tirar daquella apathia. Elle troca os designios dos fundos publicos e applica á manutenção das armas as rendas destinadas aos espectaculos. Levanta a marinha, avigóra a coragem enlanguescida dos athenienses, lembrando-lhes Marathona e Salamina, tramando allianças e a confederação entre todos os gregos para se ligarem contra nós. Não se póde escapar á sua attenção nem enganal-o com subterfugios, e é impossivel compral-o. O que foram antigamente Themistocles e Pericles para os athenienses, Demosthenes o é para os seus concidadãos. Se elles fizessem um tal homem dono absoluto de suas munições, de seus navios e do seu dinheiro, eu temeria mesmo que elle me disputasse a Macedonia pois, não podendo combater-me senão com decretos, assedia-me por todos os lados, arranja recursos pecuniarios, junta forças, alista soldados e apparece em toda a parte, afim de embaraçar os meus planos".

A nobre vida de Demosthenes foi um jacto de luz jorrado sobre o espirito de Clemenceau, que lhe admirou a intrepidez, a bravura, a inviolabilidade de caracter. Aquellas qualidades o impressionaram mais do que elle suppuzera. Quiz imital-o e seguir-lhe as pégadas, fascinado pelo seu admiravel exemplo. Mas o barro humano com que o homem de hoje é amassado não possue a heroica resistencia de outras éras. E' mais sensivel ao calor das paixões, amolda-se mais facilmente aos caprichos e exigencias do coração humano. O temperamento de Clemenceau, se bem que brioso, contém um pouco da ferocidade desses hunos que elle execra, e contra os quaes investe com a viveza da sua robusta velhice. A morte só o afflige por ter a certeza de que a França perderá nesse dia um dos seus mais desinteressados mentores. Novo Hercules do pensamento, permanece inflexivel em meio da decadencia da materia, que se vae abatendo aos poucos, não conseguindo, entretanto, diminuir-lhe a energia nem empanar a scentelha da intelligencia que sempre lhe illuminou o cerebro.

"NITCHEVÓ" ou a Aristocracia Plebéa

A aristocracia russa, como o povo de Israel, dispersou-se pelos quatro cantos do planeta. Empobrecida, miseravel, arrasta um viver de maldição, como se a cólera de Jehovah a perseguisse implacavelmente.

Em Paris, ha gran-duquezas como governantes; grão-duques como *maitres d'hotel*. Berlim offerece o espectaculo de um *chauffeur* que ha poucos annos residia no seu opulento palacio do Cáes Inglez, em S. Petersburgo. Vienna, o de varios mercadores de rua, arbitros "quando Deus queria" do Club Boyardo de Moscou. Até no Canadá, convivendo com os caçadores de raposa, de Jack London... até no Pampa argentino, alternando com os estancieiros de Loreta, ha aristocratas slavos que pódem repetir a melancolica canção hespanhola:

Aprended, flores, de mi
lo que va de ayer á hoy...
Ayer, maravilla fui,
y hoy sombra mia no soy"

Toda grandeza abatida alimenta sempre um resquicio de dignidade. "O Infortunio — disse Novalis — costuma ser uma cicatriz da Gloria". Mas esse exodo, sem Moysés nem Tabernaculos, em cujas jornadas ha apenas medo — um medo insuperavel — e em cuja expressão mais se percebe a resignação do ilota do que a arrebatada dignidade de patricio, se inspira lastima não induz ao respeito.

A aristocracia russa desfez-se como o sal na agua. Está, como diz Aldo Valori, *a porta Inferi* (á porta dos infernos). Já não existe. Por que? Simplesmente porque não existia...

*

Não, senhor. Não existia, é o que lhes digo. Não existia como tal uma classe de tradição e selecção, ao modo dos ferozes fidalgos de Turgueneff, nem muito menos ao modo dos principes democratas de Postoyewski ou de Tolstoi.

As desventuradas filhas do czar Nicolau II, assassinadas em Ekaterinburgo, entre as quaes a que está de pé é a princesa Anastasia que, segundo informações relativamente recentes, foi para Nova-York reunir-se a velhos familiares expatriados.

Um grupo de desditosos, dos que enchem os carceres dos novos donos do ex-Imperio, em caminho para o exilio.

Existia um vasto conglomerado — posta de lado a familia imperial que, entre parentes de sangue, contava umas quarenta pessôas — existia, repito, um vasto conglomerado de grão-duques, principes caucasicos, condes, banqueiros e barões latifundistas que, após escandalosas orgias no Club Inglez, ou em Oubat, ou no Aquario, abalavam para Nice e Biarritz.

A sua actuação moscovita era, exclusivamente, feudal. De um feudalismo autoritario, tosco, gritador, cruel que, descendo dos palacios e dos clubs, sahia ás ruas, onde mil vezes o vimos, atropellando, sem compostura, tudo o que se lhe defrontava. Disso dará testemunho o hoje general Lacerda, então commandante de cavallaria, addido á embaixada de Hespanha em Petersburgo, com o qual convivemos na Russia varios mezes. Sempre que no theatro, em passeio, no hippodromo irrompia um grão-duque, um almirante, um general, um principe, um conde, a gente ficava a tremer... Atropello ou abuso na certa... A orchestra tocava ao sabor de seu capricho...

Os criados attendiam apenas a elles. As mulheres sorriam apenas para elles... E elles, arrogantes, monoculo assestado, decidiam, só com um gesto, do espectaculo, da arte, do amor. O que nos fizeram amargar! Não é verdade, meu querido Lacerda?

Recordo que uma tarde, indo em companhia de Giovanni Perosio, correspondente do *Corriere della Sera* — que nos substituiu, por certo, quando regressámos á Hespanha, na remessa de chronicas a *La Correspondencia* — encontrámos, junto do Almirantado, o senhor Cronopulos, enviado especial da *Acropolis*, de Athenas. Após as apresentações, resolvemos dar um passeio pelo Cáes Inglez, para presencear o sempre curioso espectaculo do Neva gelado, por cuja superficie polida corriam os bondes, os trenós os troikas...

Atravessámos do Almirantado ao Palacio de Inverno; dobrámos a esquina para o Cáes, e quando nos dispunhamos a penetrar no grande passeio e's que um grave *gardavoi* detem o senhor Cronopulos. Por que? Porque estava com um capote barato!

— Com um capote assim — allegava o esbirro — o senhor não póde entrar no Passeio da Aristocracia...

Pretextos. Exhibição de passaportes... Inutil!... Era ordem do senhor prefeito. A hora em que passeava a aristocracia, os capotes baratos não podiam apparecer...

*

Querem aristocracia mais plebéa? Sem distincção espiritual nem intellectual, toda a sua consciencia era a fortuna. Como o chapéo de Guilherme Tell, o capote do senhor Cronopulos poderia promover a Revolução naquelle dia...

Como ha de, pois, surprehender-nos o livro de Luigi de Trywdar — *Le crépuscule d'une aristocratie. Extraits de souvenirs* (*Firenze-Rossi e Compagnia*) — onde se explica a Revolução por esse insigne plebeismo?

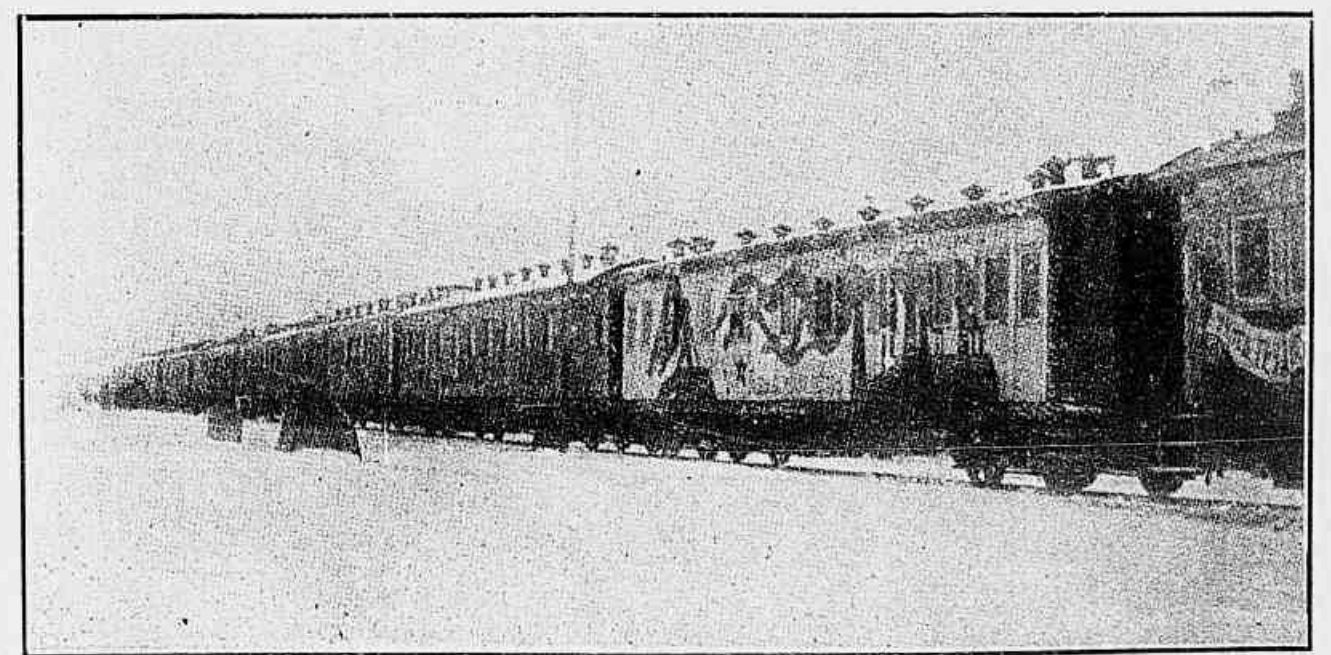
A Historia não recorda nenhum caso egual. Porque o patriciado de Roma subsiste, através do Aventino, da Dictadura, da Republica, do Imperio. A aristocracia ingleza não só se mantém depois do desthronamento de Carlos I e do protectorado de Cromwell, como se robustece e glorifica. A nobreza de França resiste ás tormentas do Terror, refazse em Coblentz e organiza os batalhões de Brunswick. Mas esses nobres russos, que após uma vergonhosa fuga, sob Kerensky, ou continuam as suas orgias em Nice e Biarritz ou se resignam á servidão pessoal em Paris, Berlim, Vienna, no Canadá e no pampa argentino, que respeito poderão infundir?

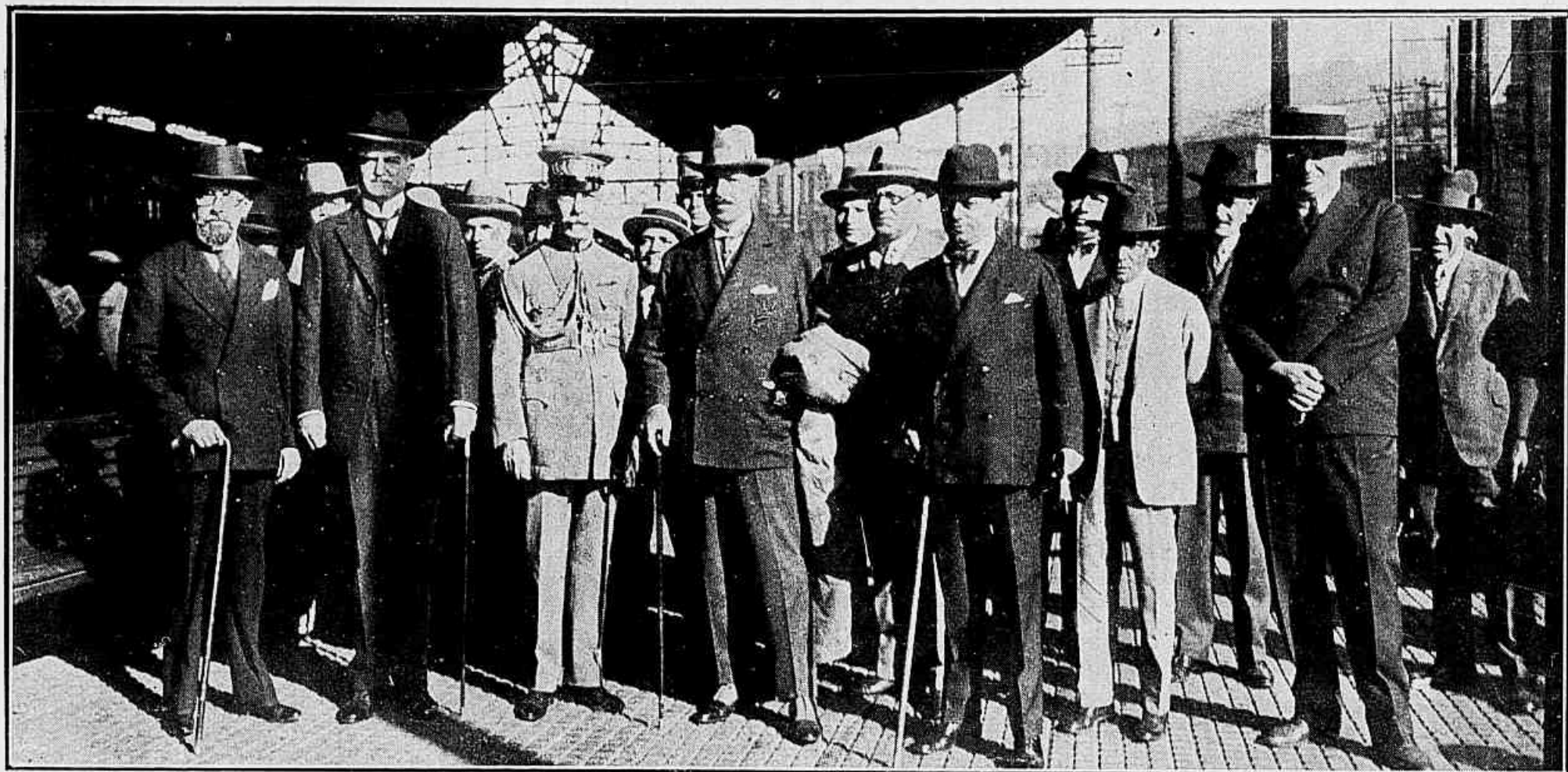
O seu espirito, eminentemente plebeu, fica adstricto á mesma superstição fatalista do *mujik* — *Nitchevó* (Não importa!) Nada de reagir, de rebellarse, de emprehender, entre as miserias do desterro, a empresa terrivel, mas honrosissima, de organizar a lucta. *Nitchevó!* Eram ricos e são pobres agora? *Nitchevó!* Tyrannos e agora servos? *Nitchevó!* Nada importa que as suas mulheres, habituadas ao palacio, estejam por trás de um aparador servindo champagne. Que as suas filhas, affeitas ao luxo, "cosam para fóra". Que elles proprios, sumptuarios e sybaritas, vendam jornaes, ás portas dos theatros.

Essa resignação estupenda, monstruosa, eguala-os ao *mujik*. Teem alma e consciencia de *mujiks*. São a aristocracia plebéa. A unica aristocracia plebéa que a Historia humana registra...

CRISTÓBAL DE CASTRO

Uma manifestação bolshevista na primeira época revolucionaria. Os manifestantes ostentam, á guisa de estandartes, os retratos dos "apostolos": Lenine, Sukanoff, Carlos Marx, Lamacarsky e Trotsky, o idolo hoje na desgraça.

Um grupo de aristocratas e officiaes do velho exercito do Czar, encerrados na prisão pelas tropas vermelhas no começo da revolução, antes de serem desterrados.

Maravilhas da propaganda vermelha. Quando as communicações ferroviarias estavam desorganizadas, o trem vermelho transportava os "leaders" do communismo de um extremo a outro da Russia.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A chegada do sr. Julio Prestes, presidente do Estado de S. Paulo, ao Rio, afim de visitar o sr. Presidente da Republica, que se viu subitamente submettido a melindrosa operação. No grupo, tirado na «gare» Pedro II, vê-se o illustre viajante entre os srs. Victor Konder, ministro da Viação, e general Teixeira de Freitas, chefe da casa militar da Presidencia da Republica.

Gorki redivivo

Após sete annos de exilio, Maximo Gorki tornou á Russia e entrou triumphalmente em Moscou, glorificado, justamente, por aquelles que se orgulham do seu grande escriptor.

Gorki — que sempre foi uma figura singular, com todas as profissões, rectas e condemnaveis — mais ainda se singulariza por uma circumstancia extranha: mergulha no esquecimento largo tempo, a despeito da sua grandeza e emerge para o mundo ou morrendo ou vivendo... E' curioso! Mais ou menos esquecido por algum tempo, Gorki é lembrado por haver morrido; esquecido novamente, Gorki torna a ser recordado por estar vivo!

Desta vez, o grande russo volta a occupar a nossa imaginação porque se affirma de novo que elle vive! E vive mais do que nunca, porque recebe a justa glorificação que, pela sua obra grandiosa, tanto tem merecido.

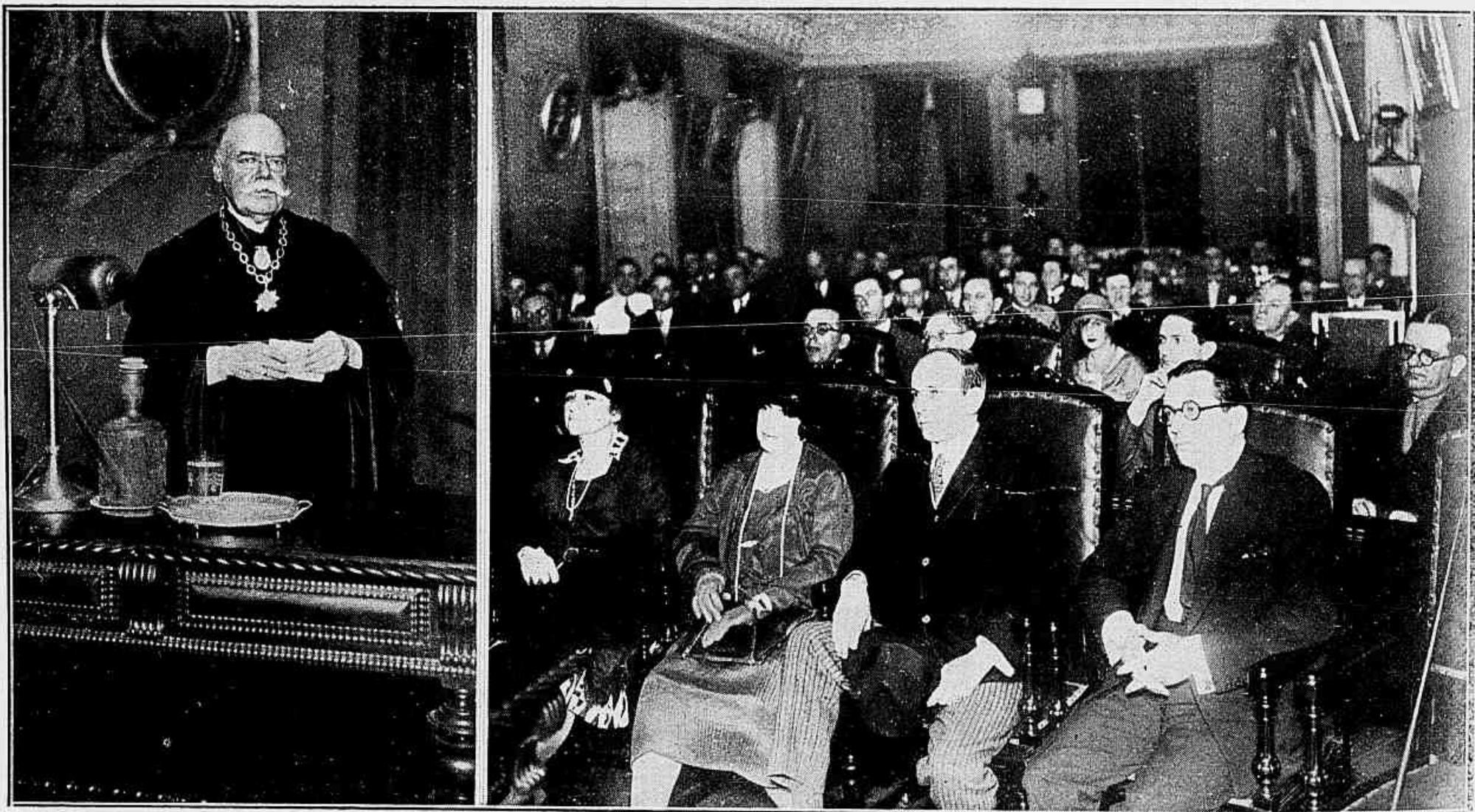
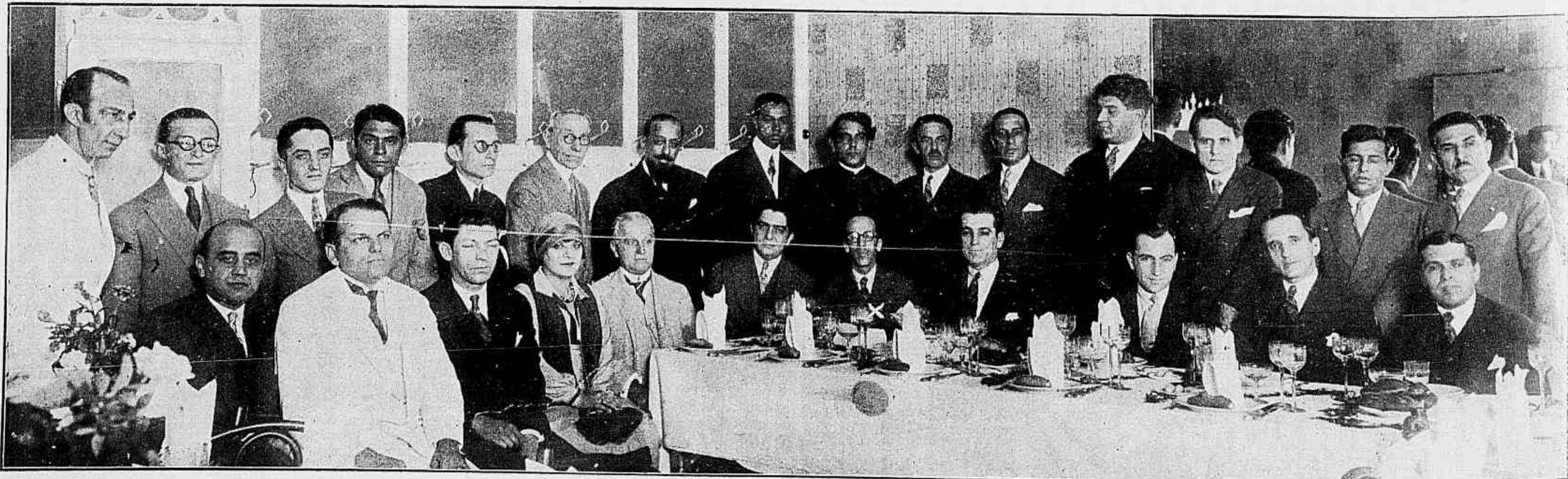
Dr. Randolpho Chagas

Seguiu a bordo do *Giulio Cesare* para o Velho Mundo, em viagem de recreio, acompanhado de sua exma. familia, o dr. Randolpho Chagas, nosso companheiro de direcção, figura de relevo no jornalismo e na politica mineira, onde desfructa real prestigio na populosa e importante Zona da Matta.

Cumpriram todos os desta casa o dever de levar ao illustre viajante e á sua dignissima familia os seus votos de bôa viagem. Esses votos, repetimol-os aqui, com a expressão sincera do muito apreço em que temos o companheiro illustre — que é um *gentleman* impeccavel — por cujo regresso ansiamos.

D. Guilhermina Guinle

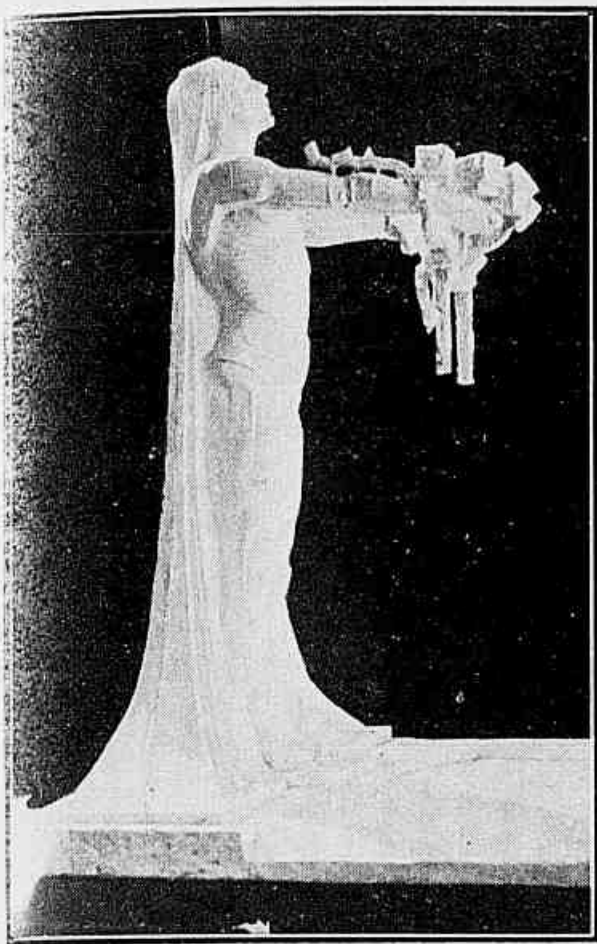
O legado de cem contos da senhora Guilhermina Guinle á Casa dos Expostos, a benemerita instituição fundada em 1738, pelo altruismo de Romão de Mattos Duarte, acaba de ter a melhor das applicações, transformado que foi numa lavandaria a vapor, de importancia capital no abrigo de tantas creanças de todas as edades.

A veneranda senhora, cujo nome ficou ligado a tantas obras de benemerencia, vem de conquistar um novo altar, e esse no coração das creanças abandonadas, que tão bem sabem reverenciar no carinho alheio o carinho que deveria ser seu e que a fatalidade anniquilou.

A "conferencia" do eminente professor e jornalista portuguez dr. Bento Carqueja na Escola Polytechnica. A' esquerda, o nosso illustre hospede com a toga universitaria portugueza; á direita, um aspecto da assistencia.

Grupo de pessôas que tomarom parte no almoço offerecido pelo conselho administrativo da Associação Brasileira de Imprensa e um grupo de amigos ao nosso confrade dr. Gabriel Bernardes, antigo presidente da Associação. Vê-se assignalado, entre jornalistas, o dr. Gabriel Bernardes, que tem á direita o dr. Paulo Filho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e á esquerda o jornalista João Teixeira de Carvalho, do gabinete do sr. ministro da Fazenda.

Orestes Acquarone

A imprensa illustrada começou a divulgar a arte de Orestes Acquarone, dando-lhe tão justo relevo que em breve o artista do desenho e da pintura se tornou immensamente conhecido e apreciado no Rio de Janeiro.

Orestes Acquarone apparece agora diante da critica sob uma nova feição artistica, inaugurando no dia 4, no Saguão da Associação dos Empregados no Com-

mercio, uma exposição de obras de arte funeraria, de soberba esculptura architectonica.

As *maquettes* do sr. Orestes Acquarone fazem prevêr novos aspectos para as nossas necropoles, onde são bem raros os mausoléus em que ha Arte, e isso porque o festejado pintor e esculptor uruguayo apresenta uma lindissima collecção de monumentos de arrojada concepção e elegancia de linhas, a que tão pouco habituados nos achamos.

A senhora Branca C. de Carvalho, uma das violinistas que mais se destacaram no concurso, a premio, das recem-laureadas pelo Instituto Nacional de Musica. Após a conclusão de um curso brilhantissimo, a senhora Branca de Carvalho conquistou o 1.º premio — medalha de ouro — graças ao seu pujante temperamento artistico, por sentença unanime do respectivo jury.

A nova tribuna feminina

A senhora Maria Eugenia Celso, a brilhante escriptora patricia que honra a "Revista da Semana" com a sua collaboração, acaba de marcar mais um triumpho para o feminismo, conquistando a tribuna do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, defesa, até á ultima quarta-feira, á Mulher.

Dissertando sobre "O espirito e o heroismo da mulher brasileira", a senhora Maria Eugenia Celso iniciou as "Tardes do Instituto" e marcou uma nova éra á expansão da intellectualidade feminina nacional.

Seguil-a-hão as senhoras Maria Junqueira Schmidt, Maroquinha Jacobina Rabello e Rosalina Coelho Lisbôa Miller.

A enfermidade do Presidente

A semana ultima teve um epilogo sensacional, que abalou o paiz inteiro: o sr. Washington Luis, eminente Presidente da Republica, enfermara subitamente, com caracter grave, sendo levado a melindrosa intervenção cirurgica, para extirpação do appendice.

Os olhos de todos os brasileiros voltaram-se para a Casa de Saude onde o Chefe do Estado foi entregue aos azares de uma operação immediata. A gravidade do caso encheu a todos de apprehensões, e estas se suavizavam diante da certeza de que S. Ex. estava entregue a eminentes vultos da sciencia, confiado que foi á sapiencia dos grandes mestres da clinica que são os professores Miguel Couto, Aloysio de Castro e Brandão Filho.

Este ultimo, notabilissima figura de operador, capaz de honrar á sciencia de qualquer paiz, justificou o altissimo conceito, a verdadeira auréola de que se vê cercado, restituindo em breves dias á Nação o seu primeiro magistrado.

O Brasil sáe do seu momento de intensa ansiedade, da sua hora de apprehensões, para a expansão de um justo jubilo, que outro não póde ser o sentimento, quer sob o ponto de vista humano quer sob o patriotico, com relação á pessôa do sr. Presidente da Republica, que tem grangeado a mais viva sympathia no coração do povo que governa.

S. ex. o Sr. presidente Washington Luis e, a seguir, o eminente operador professor Brandão Filho, que com tão feliz exito operou o chefe da Nação. Completam o cliché os retratos dos jovens medicos drs. Oswaldo Araujo e Mario Castro d'Almeida Filho, que auxiliaram o professor Brandão Filho.

A' porta da igreja da Candelaria, após a missa mandada rezar pela Associação Beneficente dos Guardas da Alfandega em acção de graças pelo feliz exito da operação a que se submetteu o sr. Presidente da Republica.

CREANÇAS

1 — Cid, filho do casal Francisco Penna e neto do dr. J. Merritt Fordham.

2 e 3 — Georgina e Jorge, filhos do sr. Francisco Nico e d. Yolanda Nico.

4 — Zezé, filha do sr. José Rezende e d. Maria Leopoldina Bragança Rezende.

5 — Dalva, filha do sr. Manoel Pinho de Oliveira e d. Olimpia Martins de Oliveira.

6 — Cy Léa, filha do sr. Hercilio Sant'-Anna.

Senhorinha Alice Heloisa Ricardo, brilhante cantora que se fará ouvir no Instituto Nacional de Musica, na proxima 2.a feira.

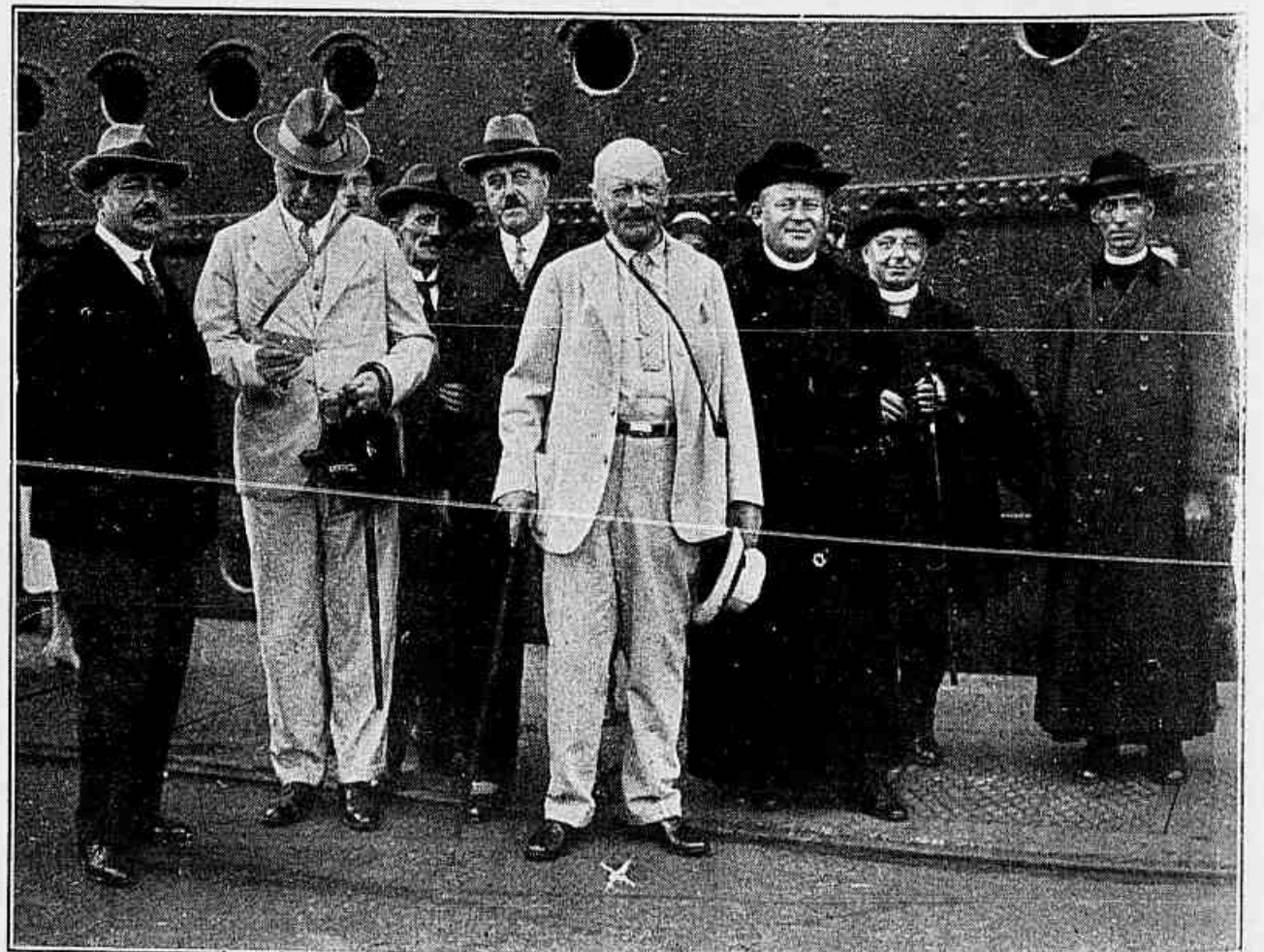
A temporada franceza

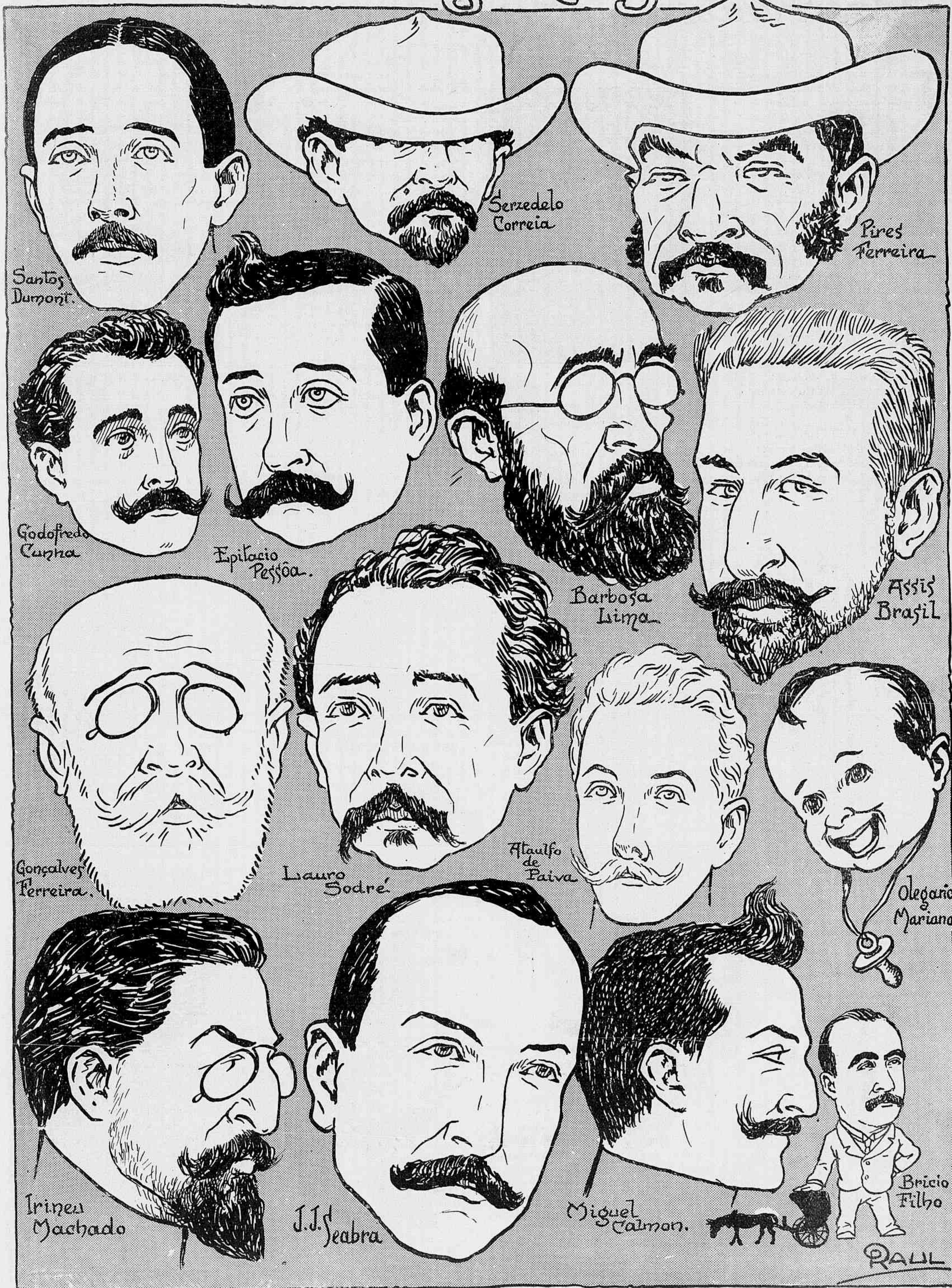
A sra. Germaine Dermoz é uma artista de belleza, intelligencia e prestigio indiscutiveis. A sua figura ao mesmo tempo majestosa e suave, de nobres linhas e feições fidalgas, que a cada movimento ou expressão se ameigam, se poetizam, foi realmente fadada para as attitudes e os lances da scena. E a sua voz, grave e doce, que tanto envolve e acaricia como penetra até ao fundo da nossa sensibilidade, robustece a eloquencia da prosa como torna mais limpida e mais vehemente a musica dos versos...

Essa privilegiada voz que, como a da grande Sarah, parece destinada a não se alterar jamais — senão para melhor, — nós a temos ouvido interpretar toda a alma do theatro francez contemporaneo. As "tragedias vulgares" de Paul Hervieu, os dialogos ora apaixonados ora viciosos de Donnay, a fantasia elegante e lampejante de R. de Flers e G. A. de Caillavet, os dramas pontificaes de Brieux, os estudos tão requintadamente psychologicos de Georges de Porto Riche, as travessuras galantes de Sacha Guitry, os poemas sentimentaes de Jean Sarment — tudo ella, aos nossos ouvidos, traduziu e engrandeceu, com infallivel magia. E' uma voz prodigiosa de vibração e musicalidade. E' um canto que vale por uma orchestra inteira. E quem uma vez a ouviu fatalmente fica possuido do desejo da ansia de a tornar a ouvir.

E', porém, a quinta vez que a artista excellente nos visita. E dessa insistencia naturalmente resulta uma perda de interesse que nada depõe, está claro, contra o seu talento nem contra os seus recursos de artista, mas apenas significa a nossa curiosidade... por outras comediantes. Ha nos theatros de Paris dezenas de actrizes, de superior engenho e categoria, que nunca vieram ao Brasil. Qualquer distrahido leitor de revistas pode citar de memoria, nessas condições, as interpretes magnificas de Bernstein e de Bataille, Simone ex-Le Bargy e Yvonne de Bray; os artistas da Comédie que tão frequentemente tomam parte em *tournées:* Cecile Sorel, Gabrielle Robinne, Berthe Bovy, a espirituosissima Charlotte Lysés, a quem Sacha Guitry deveu, em boa parte, os seus primeiros grandes exitos; e as mais modernas: Huguette ex-Duflos, Jeanne Renouart, Madeleine Carlier, Madeleine Soria, Jeanne Dancu, Yvonne Printemps, Lumilia Pitoeff, Alice Cocea, Elvire Popesco etc. etc. etc.

Não quer isto dizer que todas essas artistas ou a maior parte dellas attinjam os merecimentos da sra. Germaine Dermoz... Teriam, porém, para o nosso publico a vantagem seductora da novidade. Traz-nos-hiam qualquer coisa inédita e porventura surprehendente. Graças a ellas variariamos um pouco... E certamente fariam com que chegassemos a ter saudades da senhora Dermoz e a admiral-a ainda mais.

Decididamente a senhora Dermoz está ficando muito de casa, muito nossa. E, sem desdouro para ella nem para as nossas patricias, não tardará que a conheçamos tanto como á sra. Italia Fausta — que só por isso, e não por falta de talento ou de esforço, deixou de representar no Rio de Janeiro...

S. M. Frederico Augusto III, ex-rei da Saxonia, actualmente conde von Hilfenburg, no cáes do porto, ao desembarcar de bordo do «Antonio Delfino», em cujo bordo veiu ao Brasil. O ex-rei da Saxonia — Frederico Augusto João Luiz Carlos Gustavo Gregorio Philippe — tem residencia actualmente na Siberia.

Ha cinco lustros...
Alguns vultos no anno da graça de 1903
Santos Dumont.
Serzedelo Correia
Pires Ferreira
Godofredo Cunha
Epitacio Pessôa.
Barbosa Lima
Assis Brasil
Gonçalves Ferreira.
Lauro Sodré.
Ataulfo de Paiva
Olegario Mariano
Irineu Machado
J. J. Seabra
Miguel Calmon.
Bricio Filho
Raul

Gastronomia e Gastronomos

por Hermeto Lima

TODA a gente sabe o que quer dizer "gastronomia", mas nem todos conhecem a definição dada por Brillat-Savarin, que escreveu a physiologia do gosto, que é, sobre o assumpto, um dos livros mais originaes que se conhecem.

Diz elle, que "gastronomia é a arte do conhecimento rasoavel de tudo quanto tenha relação com o homem, com tanto que elle coma bem". Seu fim, acrescenta, é de velar pela manutenção do individuo, por meio da melhor alimentação possivel. E' a gastronomia que movimenta o agricultor, os vinheteiros, os pescadores, os caçadores e a numerosa familia dos cosinheiros. Os animaes pastam; o homem come; mas só o homem de espirito sabe comer, diz ainda o notavel escriptor.

Nem todo homem é gastronomo.

Ouçamos o seguinte dialogo :

— Fui hontem á casa do commendador. Que jantar admiravel!...

— Sim?...

— Só peixes, havia cinco qualidades: frios, uma variedade delles; assados, cada qual o mais apetitoso. E depois, cada prato e seu vinho competente. Que jantar!

O ORADOR DOS CLUBS :

"Senhores! Eu bebo á mulher, essa entidade sublime, que...".

Ouçamos outro :

— Amanhã, o Conselheiro faz annos. Conheces os jantares que elle dá?

— Não, nunca lá fui.

— Pois, vê se obtens um convite. Ali é que se come bem. O conselheiro tem um chefe de cosinha que não o dá por dinheiro algum. Que pratos saborosos! que sobremesas deliciosas!...

Eis os gastronomos.

O gastronomo ri-se diante de um prato que gosta; sente um prazer intimo ao sentar-se a uma mesa onde os pitéos são numerosos.

O ORADOR DOS GRUPOS

"Senhores! O bello sexo é o encanto d'esta vida!".

Balthazar Grimod de la Reyniére.

O gastronomo vive para comer; quem não o é, come para viver.

Como quer que seja, é na mesa, em frente dos pratos de acepipes, que se resolvem os problemas mais serios da vida. E' nellas que os presidentes apresentam a sua plataforma, que se fundam partidos, que se fazem senadores e deputados, que se resolvem conspirações, noivados, casamentos, e as grandes datas de anniversario não estariam completas, se não fossem festejadas em meio dos banquetes.

Elle é, pois, indispensavel á vida social, faz parte integrante do convivio que todos nós somos obrigados a ter para tornar a vida mais alegre e, portanto, mais suave. Do banquete nascem os oradores de varias especies : o politico, o familiar, o dos grupos, o dos clubs e o do commercio, oradores que Calisto Cordeiro com o seu lapis encantador retratou nas gravuras que publicamos.

O ORADOR FAMILIAR

"Senhores! Neste momento solemne, eu faltaria ao mais sagrado dos deveres...",

Na epocha da revolução franceza, o povo fazia banquetes ao ar livre. Cada um levava o seu farnel; armavam uma grande mesa e em plena rua se banqueteavam. Era um signal de confraternisação. Ahi discutia-se e apresentavam-se idéas novas, na maior alegria possivel. Tomavam parte nelle as pessôas de todas as classes sociaes: operarios, commerciantes, proprietarios, magistrados, militares, funccionarios publicos, e todos, com as suas familias, ahi celebravam as victorias do exercito francez, a grandeza da Republica ou os beneficios da Revolução.

Mas os opulentos banquetes de hoje nada são em relação com os que se davam na antiguidade e que os historiadores nos relatam.

Assueros abriu durante sete dias os jardins de seu palacio para nelles o povo comer os acepipes que quizesse.

No noivado de Bonifacio, pae da Condessa Mathilde, os banquetes duraram tres mezes. O vinho era tirado de poços em baldes puxados com correntes de ouro. Quando Lionnel, filho do rei da Inglaterra, casou-se com a filha de Galeas Visconti, na sala maior do palacio puzeram 100 talheres para os convivas mais illustres, sendo que os outros comiam nos outros aposentos. Os serviços eram conduzidos por cavallos ajaezados e acompanhados de presentes valiosos. Compunha se o primeiro serviço de leitões dourados; o segundo, de lebres e lucios dourados; o terceiro, de vitella e trutas; o quarto, de perdizes e codornizes; o quinto, de patas e carpas, o sexto, de carne de vacca, capões e estorjões; o setimo, de vitella e capões; o oitavo, de enguias, carne de vacca picada e amassada com queijo e assucar; o nono, de viandas, faizões e peixes de gelatina; o decimo, de conchas de geleias e lampreias; o decimo primeiro, de cabritos, patas e cordeiros; o decimo segundo, de lebres e cabritos montezes, de mocho e peixe assucarado; o decimo terceiro, de carne de vacca e de veado, temperado com assucar e limão; o decimo quarto, de couves, feijões e linguas; o decimo quinto, de coelhos, pavões e enguias; o decimo sexto, de natas e queijos. A' sobremesa, vieram fructas, depois os vinhos.

A' medida que cada prato era servido, vinha tambem o presente para cada conviva, sendo que, o ultimo, foi de uma bacia de prata, um enfeite de rubis e diamantes, uma perola de grande valor e quatro cintos de prata.

Falamos da gastronomia, tratemos agora dos gastronomos.

A historia nos cita alguns que ficaram celebres.

Em primeiro logar, surge o nome de Aulus Vitellius, o imperador romano que, educado sob as vistas de Tiberio, delle recebeu os costumes corruptos. Duma voracidade sem fim, Vitellius fazia uma serie de repastos por dia, e ao fim de cada um delles, provocava o vomito para comer mais em seguida. Os seus jantares ultrapassou a tudo quanto se possa imaginar. Em um que offereceu a um seu irmão, havia 200 mil peixes e sete mil passaros raros.

Apicius suicidou-se porque achava que meio milhão que ficou de seu immenso patrimonio era insufficiente para pagar os seus jantares.

O ORADOR POLITICO

"O meu passado responde pelo meu futuro... Saberei cumprir o meu dever!".

O imperador Geta inventou o jantar alphabetico. Consistia em ter tantos pratos quantas as lettras do alphabeto.

O athleta Brutus, segundo se lê em Hesechius de Milet, comia um boi inteiro e bebia ao mesmo tempo a quantidade do vinho que a pelle do mesmo boi podia comportar.

O imperador Claudius Albinus comia num só jantar 500 figos, 100 pecegos, 10 melões, 20 libras de uvas, 100 papafigos e 33 duzias de ostras, segundo narra Jules Capitolino.

Mas nenhum desses ultrapassou a Heliogabalo, se se crê no que diz o historiador Lampridius. Esse imperador tinha pratos predilectos, como cristas de gallo, linguas de pavão e de rouxinóes, ovos de perdiz e miolos de faizão. O resto destes acepipes era para os seus ursos, seus cães e seus leões.

Montmaur, que era um grande gastronomo, estando um dia á mesa onde os convivas falavam alto, exclamou : "Irra"! com este barulho, ninguem sabe o que come".

Outro comedor celebre e original é Balthazar Grimod de la Reyniére, que dava uns jantares tão opiparos, que seu pae se viu na necessidade de retirar-lhe as 15 mil libras que lhe dava por anno. Dois delles ficaram notaveis pela sua originalidade. No primeiro, ao meio da mesa havia um catafalco contornado por

O ORADOR PÉ-DE-BOI

"Senhores! Discurso é discurso e negocio é negocio!".

200 velas accesas. No segundo, cada conviva tinha atraz de si o seu ataude com as suas proprias dimensões. Ao entrar de cada prato ouvia se um cantico monotono e sepulchral.

A' vista de taes gastronomos, o nosso rei D. João VI, que comia tres frangos e uma duzia de laranjas da Bahia ao almoço e outro tanto ao jantar, nada foi, nem póde ter classificação, tal o grão elevado a que aquelles attingiram.

E para concluir damos duas anecdotas sobre grandes gastronomos.

—Comi como um abbade, disse um grande comedor.

— Como um burro, é que V. comeu, porque abbade, eu sou e não comi tanto, respondeu um sacerdote.

Dois amigos jantavam em uma mesa. Um contava as peripecias por que tinha passado o seu pae antes de fallecer. Emquanto contava, o outro comia.

E o teu pae, como falleceu?

O outro que era gastronomo, respondeu, para não perder tempo.

— O meu pae morreu de repente. E continuou a comer.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Examinemos os diversos aspectos com os quaes se apresentam a variedade de vestidos para a noite.

Veem em primeiro logar os modelos rigidos, cujos contornos simples e nitidos ficam identicos durante o repouso e no movimento. A roda encontra-se distribuida de diversas maneiras; grupadas em feitio de poufs, laços ou coques em um só ponto duma silhueta, em todo o resto muito fina; alargando-se por cascatas irregulares todo um lado da linha e deixando o outro absolutamente direito; alargando-se progressivamente a partir das cadeiras, ou adoptando a linha bouffante das épocas romanticas.

Ha tambem a silhueta estreita sobre dois terços da altura e alargando bruscamente abaixo, pelo effeito de babados ou de panneuax — petalas amplamente tranzidos ou pregueados.

Os tecidos empregados para esta categoria de modelos são: os taffetas, a faille, o chamalote, o setim rigido, as mousselines engommadas, a renda bordada com contas; essas duas ultimas são sustentadas interiormente por galões de crina.

A uma outra categoria pertencem os vestidos drapés e recortados em babados ou multiplas secções. Os drapés são ajustados nas cadeiras, o tecido é enrolado sobre elle proprio para deixar cahir livre num dado ponto, em cas-

Ultimos modelos

1 — Vestido de crépe marrocain cinza claro, guarnecido com pespontos brique. 2 — Toilette de popeline de seda preta; o enfeite é feito com galões cirés, cinto de pelica vermelha, a guarnição da golla tambem é de tecido vermelho. 3 — Deux pieces de crêpe da China vert amande. A guarnição é formada por nervures, golla gravata de crépe branco. 4 — Modelo de Chéruit que foi baptisado com o nome de "A tout á l'heur" Crêpe da China de fantasia, fundo preto com pintas brancas e vermelhas. 5 — "Saute-ruisseau" é o nome desse modelo de Cheruit, crêpe marorcain rose chiné, botões de galalithe. 6 — "Coup de foudre". Modelo de Jean Magnin, de crêpe da China preto, guarnecido com plissados. Grande flôr de feltro vermelho. 7 7 — "Bord du Lac". Interessante deux-pieces de shantung branco, bordado com lã verde e com viezes verdes, saia completamente plissada.

COMO SE PÓDE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma joven que se assigna "Desconsolada" nos escreve : "Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis, que é muito aspera e cheia de manchas" e nos pergunta se "realmente existe alguma cousa que possa remediar, efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos cremes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse cold-cream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louçã e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum, pelo contrario offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de taffetas côr de rosa e mousseline do mesmo tom, bordado com seda brilhante do mesmo côr de rosa. 2 — Vestidinho de linon azul de linho com tiras de linon côr de rosa, bouquetsinhos bordados com azul, côr de rosa verde. 3 — Vestido mousseline de seda verde claro, guarnecido com rendinhas Valenciennes ocrées. 4 — Vestidinho de linho branco, enfeitado com tiras de linho azul, côr de rosa, amarello e preto, os bolsos feitos com o tecido branco têm um bordado feito com linhas das côres da guarnição. 6 — Vestido de linho azul, guarnecido com incrustações de linho citron.

cata, jabot, cauda ou panneau.

Babados de todos os comprimentos são collocados lisos ou cortados *en-forme* e as vezes adoptam successivamente as duas maneiras num mesmo vestido. Estes vestidos são feitos em crêpe setim, crêpe Georgette, romain, lamés flexiveis, crêpe da China e muitas vezes com misturas desses tecidos.

As applicações de tecidos uns sobre os outros, os babados sobrepostos sobre duas ou tres alturas ou mais, os effeitos de transparencia obtidos, collocando o vestido leve sobre um forro de tecido mais espesso, do qual distingue-se a côr atravez o filó, a mousseline ou a renda — taes são as maneiras mais empregadas para os modelos em tecidos transparentes.

PENSAMENTOS

O homem foi feito evidentemente para pensar; sua dignidade e merecimento estão na obrigação de pensar como deve.

PASCAL.

*

O verdadeiro bem é aquelle que nos torna melhores.

SANTO AGOSTINHO.

Rico vestido de noiva e outros modelos de vestidos e chapéos recentemente lançados pelos modistas de Paris.

Mlle. Maria Ignez Garcia, rainha do C. C. Ideal de S. Luiz de Missões — (R. G. do Sul).

OS MANTEAUX

1 — Manteau de drap pastel, guarnição de drap branco. 2 — Manteau de popeline de seda preta, golla de renda crême. 3 — Manteau de lã de xadrez branco e preto. 4 — Manteau de kasha vieux-rose. 5 — Manteau de lã cor de cinza com xadrez preto.

CONSELHOS SOCIAES

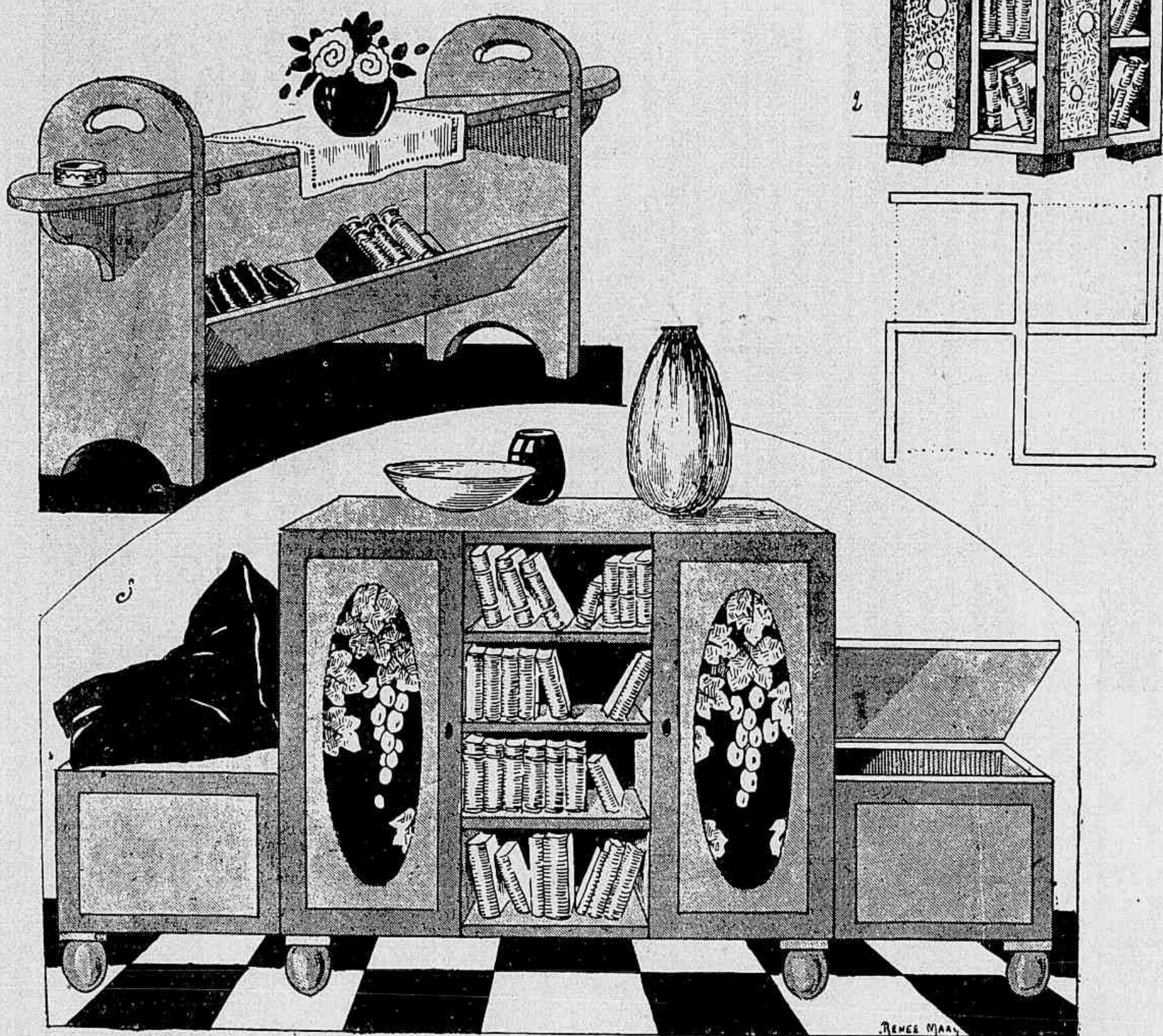
A ALEGRIA

O primeiro preceito da hygiene, diremos mesmo da moral, deveria ser: "sejamos alegres". Nada de melancolia que escureça o espirito, nada de desanimo, nada de preguiça corporal; pelo contrario, enthusiasmo pela vida, alegria e força. Eis ahi com que fazer uma mocidade sã e vigorosa, capaz de generosos impulsos e nobres attitudes.

Trabalho e distracções, moral e hygiene, este deve ser o ideal para a mocidade que desabrocha.

E' preciso ser alegre. A alegria não é a antithese da sensatez, antes pelo contrario; a pessoa de genio sempre alegre é em geral bem equilibrada; os futeis e inuteis têm quasi sempre o genio desigual: ou são excessivamente alegres ou macambuzios.

Os sensatos não se entregam a uma austeridade enfadonha nem a uma exuberancia excessiva; aproveitam muito melhor das distracções que lhes são offerecidas. Tendo cumprido o seu dever, sabem que estão no seu direito de tambem se distrahirem.

Moveis originaes para casas de campo

Damos aqui tres modelos de moveis que se poderá muito facilmente mandar executar por um marceneiro e decorar-se com a pyrogravura ou com o pincel, ou pintal-os com tinta laquée guarnecendo-os simplesmente com uns traços de tom mais escuro. Um simples banco póde servir de aparador e ao mesmo tempo a parte de baixo servirá de bibliotheca. Segundo modelo: uma bibliotheca quadrada, da qual se comprehenderá facilmente a disposição com o desenho que damos junto. Emfim um movel que tanto poderá servir para uma sala de jantar como para um hall ou para um escriptorio. O centro forma a bibliotheca enquadrada por dois armarinhos, prolongando-se por dois cofres formando banqueta.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

OS TEMPEROS

Os temperos devem ser usados mas não se deve abusar delles. Estimulam não sómente o appetite como tambem os succos do estomago, facilitando a digestão.

Alguns temperos pódem ser usados diariamente sem o menor perigo para os nossos orgãos digestivos e com a vantagem de tornarem a comida muito mais saborosa.

São elles: a cebola, o tomate e os cheiros (salsa e cebola verde); mas a pimenta, de qualquer especie, assim como os pimentões, o alho, a folha de louro, o cravo da India, a baunilha e a canella são temperos muito quentes, irritantes das mucosas, tanto a do estomago como a dos intestinos.

Quando se é moço e saudavel, ainda se pode usar uma vez ou outra destes temperos sem grande prejuizo; mas as pessoas de mais idade ou as que são

O juramento á Bandeira, pelos conscriptos do 16.o Batalhão de Caçadores, em Cuyabá.

doentes devem privar-se completamente de seu uso, não compensando de maneira alguma o pequeno prazer de gulodice que pode proporcionar ao mal que pode fazer.

MENU DE ALMOÇO

PEIXE FRITO
SALADA DE ALFACE
POMBOS COM MACARRÃO
RIM COM MOLHO DE VINHO DO PORTO
ARROZ
OVOS MEXIDOS COM QUEIJO
BOLO DE COALHADA
BISCOITOS DE ARARUTA

POMBOS COM MACARRÃO

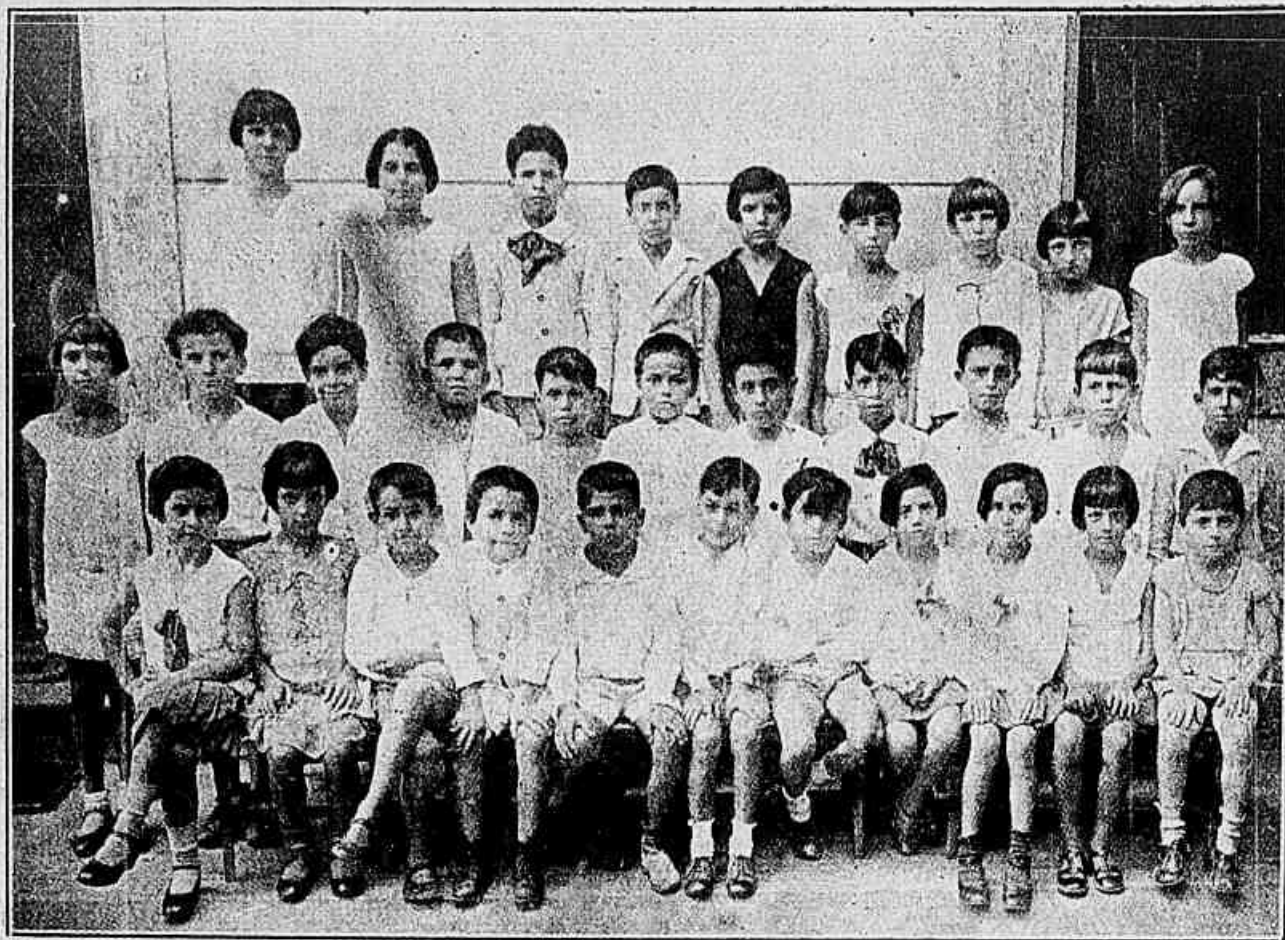
Põe-se para cozinhar o macarrão, que precisa ficar bem cozido, mas que não se desfaça. Unta-se bem uma fôrma lisa com manteiga e põe-se por cima da camada de manteiga uma de pó de rosca bem peneirado. Despeja-se dentro uma bôa porção de macarrão e por cima os pedaços dos pombos; cobre-se depois com o resto do macarrão e por cima peneira-se uma bôa camada de pó de rosca e põe-se manteiga por cima.

Em seguida põe-se para tostar em forno bem quente.

Maneira de preparar os pombos: depois de bem depennados e limpos são cortados em quatro pedaços e refoga-se com manteiga, cebola, tomates, vinho branco; depois engrossa-se tudo com maizena.

RIM COM MOLHO DE VINHO

Deve-se abrir o rim pelo meio para tirar o centro, que lhe dá máo gosto. Depois é posto de môlho algum tempo dentro d'agua para tirar o sangue, tempera-se com sal, uma rodella de cebola e uma colher de vinagre.

Derrete-se um pouco de manteiga; nella põe-se os pedaços de rim; é preciso não deixar de mexer e não deixar ficar muito tempo ao fogo porque endurece. Apenas uns minutos são sufficientes. São tirados da panella com uma escumadeira e na panella onde foram tirados põe-se um calice de vinho do Porto, uma pitada de sal; deixa-se ferver um pouco, junta-se então um pouco de caldo

Alumnos da Escola Nilo Peçanha, da turma do 2° anno, da prof. D. Annita Esther Coutinho.

e na falta desse póde-se pôr agua quente, e engrossa-se com maizena e um pouco de manteiga.

Põe-se dentro o picado de rins e deixa-se ferver uns dois minutos, juntando-se uma colherada de salsa picada muito fino.

OVOS MEXIDOS COM QUEIJO

Batem-se bem os ovos juntamente com um pouco de sal e um pouco de queijo gruyere ralado.

Para 6 ovos são precisas 125 grs. de queijo.

Mistura-se tudo o melhor possivel. Põe-se numa frigideira um pouco de manteiga, despeja-se dentro a mistura e mexe-se com um garfo até tomar uma bôa consistencia.

Serve-se com torradas fritas na manteiga.

BOLO DE COALHADA

Tres chicaras de farinha de trigo, duas de assucar, uma de coalhada, tres colheres de manteiga, dois ovos, uma colherinha de bicarbonato de soda.

Amassa-se muito bem (tudo depende do amassar). Põe-se para assar em fôrma untada com manteiga, forno regular.

BISCOITO DE ARARUTA

Meio kilo de araruta, meio kilo de assucar, 12 gemmas e seis claras bem batidas. Misturam-se bem todos esses ingredientes até ficar em ponto de enrolar.

Arrumam-se os biscoitinhos em taboleiros de folha e vão a assar em forno regular.

Preceitos de hygiene

OS TERRORES NOCTURNOS DA CREANÇA

Esses terrores representam uma variedade de pesadelo, a sua repetição é muito frequentemente observada nas creanças nervosas, sobretudo nos herdeiros de uma histeria materna. Coincidem, muitas vezes, com o estrabismo, a incontinencia de urinas, as vegetações adenoides, a corysa e as anginas, as otites e embaraços gastricos (abusos de doces).

Devemos evitar para a creança nervosa o cansaço mental. Sobretudo evitar excitar a sua vaidade; a creança fica sempre lisonjeada em exhibir-se.

Tambem deve ser evitado que ellas usem café, chá e bebidas fermentadas ou distilladas, por terem um papel importante na explosão dos terrores nocturnos nesses pequenos entes dotados de grande excitabilidade nervosa.

Deve lhes ser dado o bro-

Ivan Souza e Manasinha Portinho, pagens da rainha do Ideal (S. Luiz de Missões, R. G. Sul).

mureto de strontium ou o extracto de valeriana, que são ao mesmo tempo vermifugos e antispasmodicos. E sobretudo vigiar, com muito cuidado, a alimentação, os brinquedos e os estudos da creança durante o dia.

Quando se observa, numa creança, caretas, agitação, contracção das extremidades recorrer-se-á ao chlorureto de calcium, ao lacto-phosphato de sal e sobretudo aos banhos de sol ou ás irradiações ultra-violeta. Quando uma creança começa uma crise convulsiva, deve-se deitar, sem travesseiro, numa cama grande, completamente despida. A calma, a escuridão, os banhos e as infusões mornas, a dieta liquida observada durante muitas horas, com um pouco de antipyrina ou de quinino no caso de febre: deve ser o tratamento emquanto não se póde chamar o medico.

Evita-se a volta das convulsões impedindo que as creanças comam demais ou comam alimentos indi- gestos, assim como se deve evitar tambem as prisões

de ventre, as emoções, as brincadeiras muito excitantes, e tudo que cance o seu cerebro. A vida ao ar livre e no campo impõe-se para transformar em entes normaes as creanças nevropathas

PENSAMENTO

O espirito sem bondade é a abelha sem mel.

:: Variedades :

UMA CONFERENCIA INTERNACIONAL

Uma conferencia internacional, na qual a maior parte das grandes nações da Europa serão representadas, terá logar no proximo mez em Paris e no Havre.

Qual será seu fito?... Discutir os graves problemas da politica exterior?... Não! ...Este congresso tem por fim uma questão muito mais digna de apaixonar a opinião publica, porque diz respeito ao mesmo tempo á economia, á hygiene e á saude das nações.

Esta conferencia tem por fim organizar a lucta contra um dos peiores inimigos da humanidade: o rato.

Sim, o rato... E' um inimigo que não vemos nunca. Por esta razão, a importancia dos seus maleficios não chama a nossa attenção. São no emtanto terriveis.

E de anno para anno vão se agravando. Ha vinte annos, os Inglezes avaliavam em quinze milhões de libras os estragos causados pelos ratos no Reino-Unido. Hoje, avaliam que esses estragos subiram, pelo menos, a 45 ou 50 milhões de libras.

Esse rato, que devasta esses paizes do Occidente, será indigena? Não. Os Gaulezes, seus antepassados, não o conheceram. O rato, naquella época longinqua, encontrava-se ainda no Oriente. E os povos amaldiçoavam-o como o amaldiçoamos hoje. Não foi elle contado entre as pragas do Egypto? As ratazanas do campo eram numerosissimas no valle do Nilo. Ellas é que, na occasião da invasão do paiz pelos Assyrios, foram os verdadeiros vencedores do exercito de Sennacherib, tornando-lhe impossivel entrar em combate, porque tinham roido durante a noite todas as cordas dos arcos e todas as correias dos escudos. Os Egypcios não puderam ter a menor gratidão a esses animaes porque devastaram tambem todas as suas colheitas.

Na França, o rato penetrou com os invasores barbaros. "A cada occupação da superficie, disse Toussenel, corresponde uma occupação do sub-solo. Houveram ratos godos, vandalos e ratos hunos."

O rato dos Barbaros é o rato castanho. Multiplicou-se de tal maneira que o flagello roedor foi considerado pelá população como uma vingança dos deuses. Foram os Normandos de Guilherme o Conquistador que os levaram com elles para a Inglaterra. O rato castanho ficou dono do solo até os meiados do seculo XVII. Nessa época appareceu o rato preto, que provavelmente tinha sido trazido pelos lansquenets da Allemanha. Emfim, um seculo mais tarde, os batalhões de ratazanas de pello vermelho (ruivo)invadiram a França.

Em 1725, um pavoroso

tremor de terra que se tinha produzido na visinhança do mar Caspio tendo-as perturbado nas suas moradias subterraneas, as ratazanas puzeram se a caminho para Europa, em navios russos que as desembarcaram na Inglaterra. Vinte annos depois, atravessaram ellas o mar, vindo para a França. Tinha a França vinte seculos antes levado o rato castanho para a Inglaterra, e os Inglezes mandaram-lhe o rato ruivo. Troca de animaes nefastos infelizmente!...

Hoje, sejam elles castanhos, pretos ou ruivos, os ratos são igualmente malditos em todos os paizes do universo.

Mas como conseguir acabar com uma raça cujo poder de procreação é prodigioso? A rata tem tres ninhadas por anno, cada uma de oito ratinhos. Logo no quarto mez uma ratinha já póde por sua vez ter uma ninhada, e sua vida normal é de quatro ou cinco annos. Pode-se assim fazer uma idéia do numero de gerações que póde produzir um casal de ratos.

Calculam que ha em Paris oito milhões de ratos — tantos como habitantes na grande aglomeração parisiense. Oito milhões de ratos formam quatro milhões de casaes que, desde do quarto mez, fornecem 32 milhões de ratinhos. São quarenta milhões de animaes, que no fim de oito mezes farão 20 milhões de casaes, que darão nascimento a 160 milhões de ratinhos.

Estamos levando o numero ao extremo porque, naturalmente, muitos morrerão ainda pequenos; e outros — muito poucos infelizmente — são as victimas do homem, do cão e do gato. Mas o que ainda fica constitue um grave perigo. Mme. Rachilde, que estudou — não sem alguma sympathia — a vida dos ratos, disse-nos que este animal torna-se muito facilmente tuberculoso e que a sua doença apresenta pouco mais ou menos os mesmos symptomas que no homem.

Julgue-se por ahi os perigos de contagio que resultam para o homem da multiplicação do rato.

Mas a tuberculose não é a unica doença transmittida pelo terrivel roedor. Ha tambem a peste — nas Indias avalia-se que a morte de um milhão de pessoas é devida aos ratos — a trichinose e a raiva.

Todos deviam ligar-se para o exterminio desse terrivel animal.

PENSAMENTOS

A felicidade não é possuir muito; mas amar muito e esperar muito.

*

Dae dinheiro, não o empresteis: dar faz ingratos, emprestar faz inimigos.

A linda festa chineza realizada no Club Commercial da Bahia no dia da "Mi-Carême". Ao alto: a directoria do Club Commercial.

CONSELHOS PRATICOS

IMPERMEABILISAÇÃO DOS TECIDOS

Obtem-se uma bôa impermeabilisação para os tecidos de algodão, sem que elles percam suas qualidades, empregando o acetato de aluminio. Junta-se 2 ou 3 litros de acetato concentrado de commercio a 100 litros de agua e mergulha-se nesta mistura os tecidos que se deseja impermeabilisar.

Depois de ter estado toda a noite de môlho, deixa-se escorrer o liquido, que póde ainda servir, e põe-se para seccar na sombra.

*

Para os tecidos de tela grossa que usam os marinheiros para os protegerem da agua salgada, a impermeabilisação é feita da seguinte maneira.

Humedece-se com uma esponja ou com uma brocha o tecido com oleo de linhaça cozido, ao qual se misturou 5 por 100 de terre d'ombre e 10 por 100 de sedativo liquido.

E' preciso que o tecido fique bem impregnado, mas sem excesso, e deixa-se seccar na sombra alguns dias; depois renova-se a operação.

IMPERMEABILISAÇÃO DOS TECIDOS PARA TOLDOS

Esses tecidos são pintados com um liquido feito com a mistura de um litro d'agua com 100 grs. de sulfato de albumina e 25 grs. de saes de Selvay. Applica-se successivamente duas ou tres camadas deixando seccar depois de cada operação. Sobre o tecido secco, passa-se em seguida o pincel impregnado de agua de sabão, espessa (10 por 100 de sabão branco); dá-se uma bôa camada de cada lado e depois de seccar enxagua-se então em agua pura, e vae a seccar ao ar livre.

PENSAMENTOS

Quando o luto e a ruina substituiram as festas, torna-se mais comprida a estrada que dantes conduzia á casa hospitaleira.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchner de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a Rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Apreciadora (Campos) — Banhe os seios, ao deitar, com leite quen[illegible]. Depois de enxutos [illegible] uma massagem circu[illegible] com *Crême de Massagem* e applique o *Pó de Lyrio*. O exito d'este tratamento depende da perseverança.

A. d'Oliveira — A tesoura não pode substituir a acção da pedra pomes, pois o que se pretende é remover pela raiz o cabello e não cortal-o.

Mme. Gomes — O tratamento racional, preventivo da ruga consiste na massagem diaria com o *Crême de Massagem*.

O *Crême de Massagem* alimenta os tecidos e conserva a frescura da pelle. Terminada a massagem, lava-se o rosto com agua morna, a que se tenha juntado uma colher do *Tonico da Pelle*. O *Tonico da Pelle* dá firmeza aos musculos.

Lia — Para conservar ao pescoço a pelle lisa, diariamente faça uma massagem com *Crême de Massagem*, com as pontas dos dedos em movimentos circulares até atrás das orelhas. Depois de lavar o pescoço com sabonete *Sylkale* e agua, onde se deverá ter dissolvido uma colher do *Tonico da Pelle*, enxugue-se o pescoço applicando o *Pó de Lyrio*.

Sarita — Para que o pó de arroz sirva a proteger e não a prejudicar a pelle, deve corresponder ás seguintes exigencias essenciaes: ser muito fino, não conter materias irritantes. Meu *Pó de Arroz Hygienico* é puro, sem a minima parcella toxica, podendo ser usado pela pelle de uma creança.

Ilka — Mesmo com a transpiração o rouge *Poziomka* não se desvanece, seu colorido é muito natural; pode usal-o tambem para colorir os labios.

Georgina — A minha *Tintura* não a impedirá de continuar lavando a sua cabeça quantas vezes queira. Ella é inalteravel e absolutamente inoffensiva.

B. C. — Lavagem semanal da cabeça com *Shampoo-Pó*. Fricções diarias com *Tonico n. 9* curam rapidamente a caspa e evitam que seu cabello cáia.

Mme. B. B. — A pelle pode conservar-se juvenil e bella durante longos annos. E' uma questão de regimen e de hygiene. Aconselho-a a adoptar o tratamento hygienico da pelle indicado a pags. 7 e 8 do prospecto que lhe posso enviar.

Laura — Se o seu cabello é cortado deve applicar a terça parte do conteúdo no pacote de *Shampoo-Pó*. O pó dissolve-se em agua morna. Agitando com uma colher obtem um liquido espumoso. Friccione com elle a cabeça. Remova depois a espuma do *Shampoo* em duas ou tres aguas limpas. O seu cabello ficará macio, solto e limpo.

Julia — abandone o crême que está usando. No seu caso aconselho-lhe o uso da *Loção Adstringente, Tonico da Pelle, Sabonete Sylkale* e o *Pó de Arroz Hygienico*.

Mlle. Torres — O comprimento das pestanas influe bastante na belleza dos olhos. As pestanas exigem um tratamento quotidiano. Uma pequena escova molhada na *Loção para as Pestanas* passa-se sobre uma rolha queimada, alisando depois com ella os cilios desde a palpebra até ás extremidades.

Mme. Eber — Não me é possivel, sem examinar o estado de sua pelle, aconselhal-a. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

Rosalina — Convém que lave o rosto com o sabonete *Sylkale*, e adopte como fixativo do *Pó de Arroz Hygienico* o *Crême Neve*: obterá o avelludado da pelle que tanto ambiciona.

Mlle. C. — A *Loção de Embellezar a Pelle* é de effeito rapido para amaciar a cutis e evita a formação das rugas; misturando-a em partes eguaes com agua oxygenada torna a pelle alva.

SELDA POTOCKA

NOVOS MANDAMENTOS MATRIMONIAES

Uma miss Baker, tambem norte-americana e talvez parente da outra, a que dansa o black-bottom, compoz um decalogo a que deu a designação Mandamentos do homem para felicidade da mulher. *Eis os dez preceitos que todo o bom marido deverá seguir incondicionalmente:*

— Viverás casto até ao matrimonio.

— Participarás dos cuidados caseiros na proporção de 50 %.

— Não farás coisa alguma que possa provocar os meus ciumes.

— Não terás segredos para mim e reconhecer-me-ás o direito de abrir a tua correspondencia.

— Não te embriagarás nem fumarás.

— Observarás pontualmente todas as horas marcadas para te encontrares commigo.

— Acompanhar-me-ás ao theatro, aos bailes e festas mundanas.

— Não te aproximarás de mim sem estar escrupulosamente asseado.

— Ajudar-me-ás a crear os filhos.

— Disfarçarás os teus maus humores, mostrando-te sempre aos meus olhos satisfeito e risonho.

PODE O CORAÇÃO BATER APÓS A MORTE?

O professor Bontario, da Faculdade de Medicina de Dijon, França, teve a surpreza de verificar que um coração de rã, retirado do animal alguns dias antes e immerso numa solução de sal marinho recomeçára a bater regularmente.

Explica esse homem de sciencia que, injectando-se uma solução de sal marinho de 7 gr. por litro nos vasos do coração, este passa a dilatar-se e contrahir-se como em plena vida. O professor Bontario iniciou a experiencia com sal puro, mas sem obter resultado. E' que o sal puro — chloreto de sodio — não contém a substancia potassa que existe no sal marinho.

Segundo o jornal donde extrahimos esta nota, estavam-se fazendo, em razão do caso referido, experiencias em diversos laboratorios com a esperança de se chegar a provar que, no mundo animal, a vida depende da radio-actividade.

Desanimo contagioso

O desanimo é contagioso. Deve-se por isso, distanciar-se sempre, das caras desalentadas, dos individuos que, molengos e sem vontade, vivem se encostando até na sombra dos outros. Levantam-se da cama como se não tivessem dormido e da mesa como se não tivessem comido. Nem mesmo um bello dia de sol os faz encarar a vida com um pouco mais de energia. Sempre ennublados, vivem abatidos e desalentados, com o aspecto de «cafeteiras» amassadas. Trata-se, geralmente, de individuos victimas de perturbações digestivas e desfalcados em saes de calcio. Basta regularisarem a alimentação e fazerem uso da deliciosa Candiolina Bayer (duas tablettes por dia), para se sentirem revigorados, livrando-se, completamente, do desanimo que os acabrunha e contamina os outros... até por acção de presença!